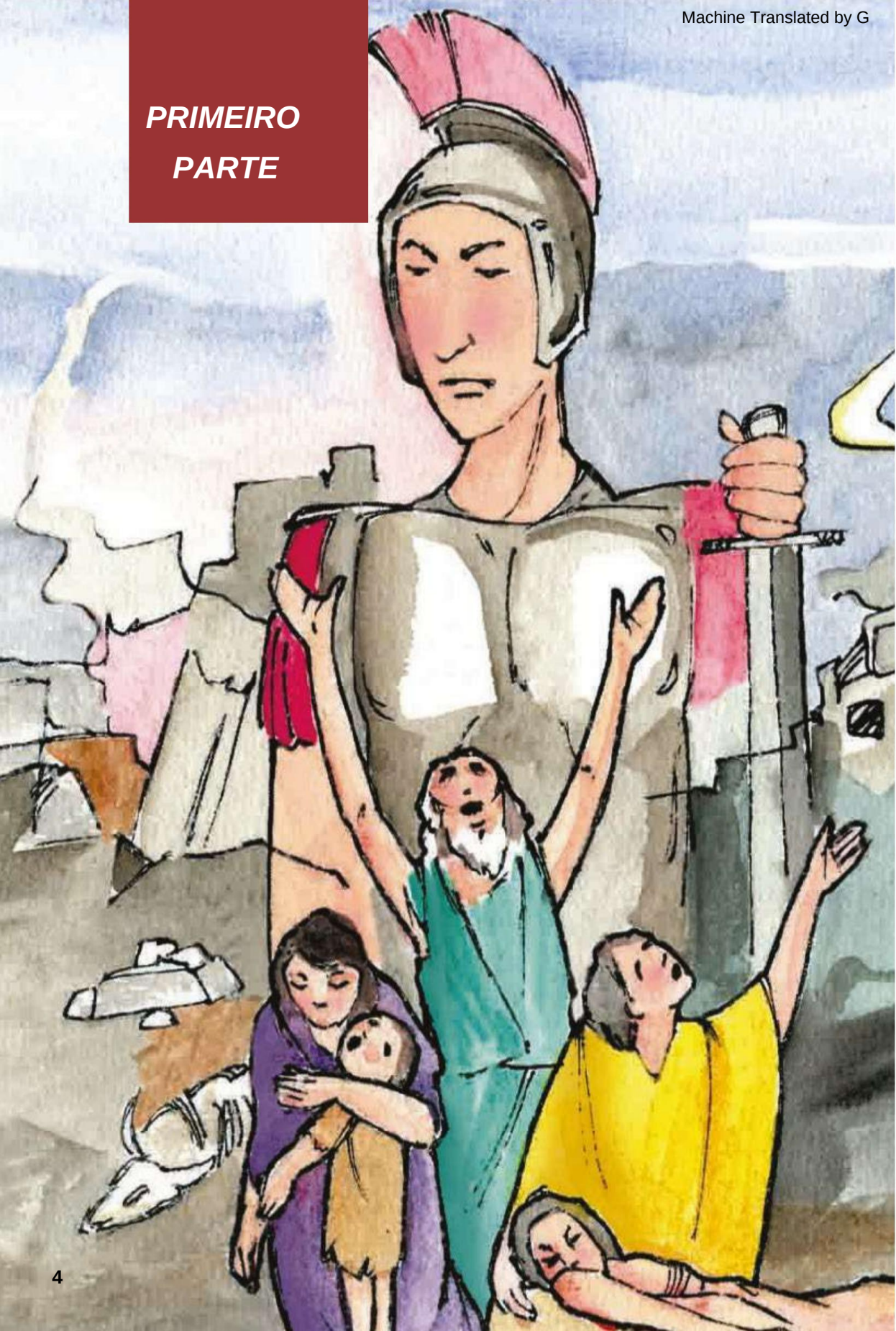
Machine Translated by G

PRIMEIRO PARTE



Contente

Parte Um: ESTUDO DO EVANGELHO DE MARCOS

Tópico 1: O Contexto do Evangelho de Marcos 7
1. O Império Romano 7
2. Roma, a Capital do Império 8
3. História da Comunidade Cristã em Roma 8
4. A Situação das Comunidades na Época da Escrita do Livro 11

Tópico 2: Informações Gerais e Estrutura da Obra 19
1. O Estilo Proposto por Marcos 19
2. Divisão da Obra 20
3. Generalidades da Obra 24
4. Jesus no Evangelho de Marcos 27

Tópico 3: Leitura Continuada das Obras de Marcos 32
1. Visão geral 33

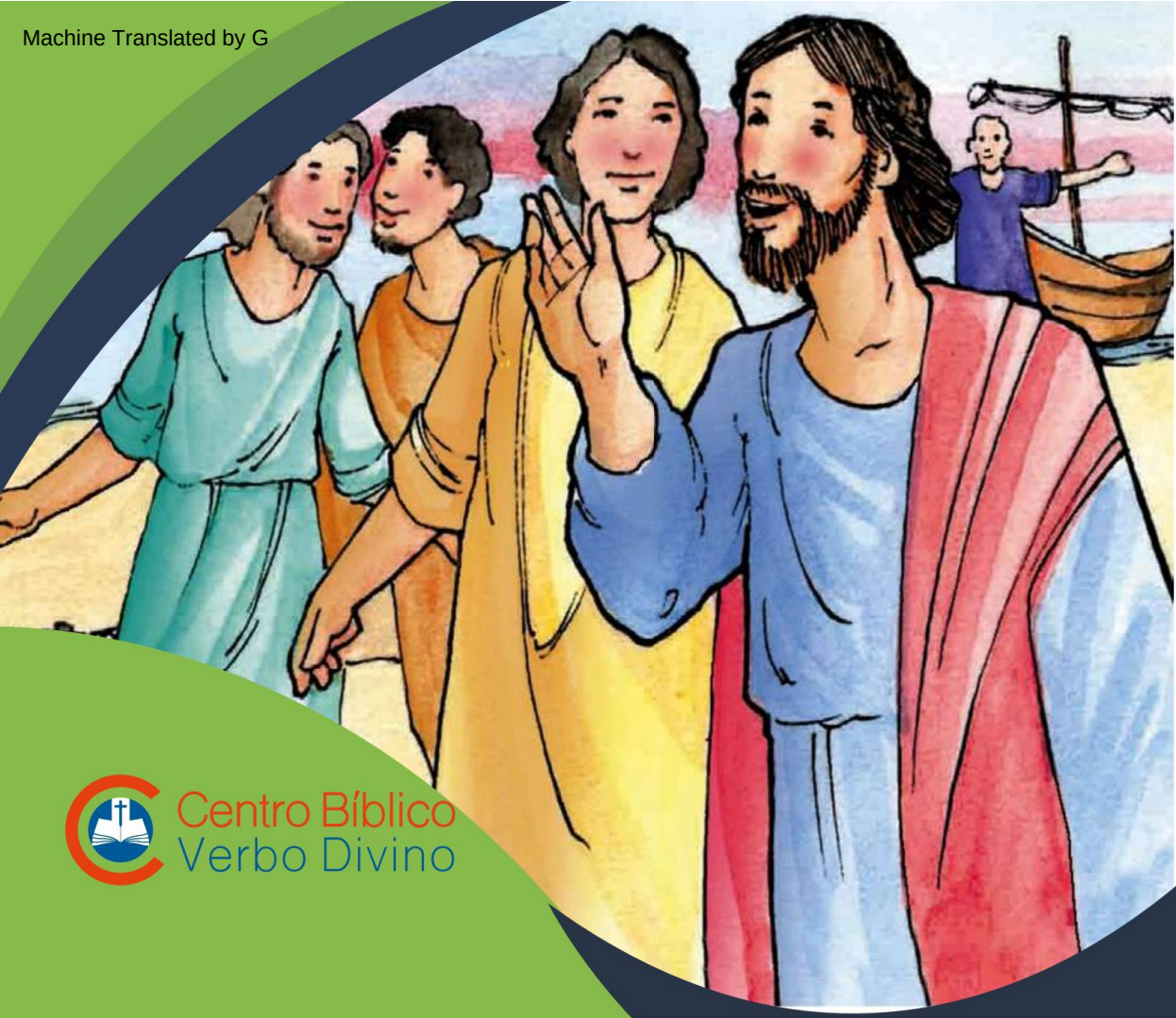
Tópico 4: Temas Centrais do Evangelho de Marcos 42
1. As Boas Novas 42
2. O Reino de Deus 43
3. Jesus Cristo, Filho de Deus - 44

Atividades de Avaliação 50
Respostas às Atividades de Avaliação **51**

Parte Dois: LECTIO DIVINA COM O EVANGELHO DE MARCOS

Tema 1: Quem é Jesus ontem e hoje? 61
Tema 2: A casa de Jesus, nossa casa. 65
Tema 3: O Evangelho é para todos. 69
Tema 4: Cultivando a solidariedade em um mundo frio. 73
Tema 5: Reunidos à mesa, somos família 77
Tema 6: Jesus ressuscitou e permanece conosco 82

Machine Translated by G



Centro Bíblico Verbo Divino

ESTUDO EM ORAÇÃO

DO EVANGELHO DE MARCOS

"Se alguém quiser vir após mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me" (Marcos 8:34).

Mês da Bíblia 9

ESTUDO DO EVANGELHO DE MARCOS

Durante muito tempo, o Evangelho de Marcos foi a Cinderela dos Evangelhos. Nos primeiros séculos da história da Igreja, era considerado um resumo de Mateus e, por essa razão, os comentadores lhe dedicaram pouca atenção. No entanto, no século XX, o estudo crítico da formação dos Evangelhos revelou seu lugar privilegiado como o primeiro Evangelho escrito e uma possível fonte para os outros dois Evangelhos Sinópticos.

Estudos sobre sua composição revelaram a personalidade literária e teológica singular do Evangelho de Marcos.
A partir da perspectiva destes estudos, é possível aprofundar-se na essência da primeira narrativa do Evangelho. Esta tem sido a abordagem adotada na América Latina pelas Comunidades Eclesiais de Base, Movimentos Leigos e grupos paroquiais. É principalmente a todos esses fiéis e a todos os agentes pastorais que dedicamos este material sobre o Evangelho de Marcos.

Nossa intenção é recuperar a face viva de Jesus Cristo, tal como foi vivida e testemunhada pelas primeiras comunidades cristãs em torno do Império Romano, particularmente em Roma, a capital, local onde este evangelho foi provavelmente escrito, por volta dos anos 67-69 d.C.

No Evangelho de Marcos, assim como em todos os livros da Bíblia, encontramos vida, pessoas, situações concretas, clamores, perguntas e conflitos. Ler a Bíblia é dialogar com um texto e um contexto, esforçando-se para escutar a vida cotidiana, as novas situações que surgem a cada dia, a fim de descobrir nelas, com maior clareza, a Palavra viva e eficaz de Deus que nos chama e nos desafia.

Este material visa ir além de uma leitura fundamentalista da Bíblia e convida a uma leitura espiritual, militante e orante, comprometida com os pobres. Busca revelar o misticismo vivenciado pelas primeiras comunidades cristãs, dedicadas a seguir e proclamar a Boa Nova de Jesus Cristo, o Filho de Deus.



Metodologia do estudo:

Para melhor aproveitar o texto de estudo, recomendamos:

- Ter a Bíblia à mão para ler e comparar as informações.
- Responda ao questionário honestamente, pois isso nos ajudará a saber onde estamos pecando.
- Anote as perguntas que precisam ser respondidas neste espaço. pertinente.

Recomenda-se fazer breves resumos de cada tópico para consolidar o conhecimento.

Tema 1

AMBIENTE ONDE O TRABALHO DE MARCOS SURGE

1. O domínio do Império Romano

Em determinado momento, comunidades cristãs chegaram a Roma, a capital do Império que dominava todas as regiões com alguma ligação geográfica, estratégica ou econômica com o Mar Mediterrâneo. Os romanos construíram seu imenso império graças a um poderoso exército, perito na arte da guerra. Esse exército era organizado em legiões espalhadas por locais estratégicos em todo o Império. No total, havia cerca de quatrocentos mil soldados que protegiam a rede de estradas que ligava Roma a todos os povos subjugados, facilitando a mobilização do exército, o transporte de mercadorias e a arrecadação de impostos.

Roma não tolerava nenhum povo que ameaçasse seu domínio. Era implacável diante de qualquer tentativa de rebelião. Devido aos seus elevados gastos militares e burocráticos, viu-se obrigada a expandir-se para ter mais povos subjugados que pagassem impostos de guerra, taxas altíssimas, o que causava o empobrecimento da maioria e o privilégio da minoria em todas as cidades.
Outro motivo para a expansão imperial foi a necessidade de mão de obra para a construção de pontes, navios, estradas, aquedutos, monumentos, quartéis, palácios e cidades; bem como para trabalhar nas minas e propriedades rurais.

Isso explicaria por que o Império Romano empreendeu a tarefa de conquistar o maior número possível de povos, prestando especial atenção aos povos rebeldes, que subjugavam e escravizavam para garantir a paz e o progresso dos projetos em andamento nessas regiões. Só em Roma, metade dos milhões de habitantes eram escravos, o que significava viver como não-pessoas, sem liberdade, em total dependência de seus senhores.

Contudo, era uma regra imperial respeitar as tradições e os costumes dos diversos povos subjugados, desde que pagassem impostos a Roma e não incitassem rebeliões. Caso uma rebelião ocorresse, a repressão podia ser violenta e implacável. Por exemplo, em 66 d.C., o governador romano da Palestina ordenou a crucificação de dezenas de judeus em Jerusalém; isso provocou uma rebelião dos zelotes, que expulsaram o exército romano da cidade. A reação foi impiedosa: 60.000 soldados sitiaram a cidade e, em 70 d.C., o general Tito, filho do imperador Vespasiano, entrou triunfalmente em Jerusalém; saqueou a cidade, matou milhares e vendeu os sobreviventes como escravos. Setecentos jovens, escolhidos entre os mais fortes, foram levados a Roma para participar do desfile triunfal de Tito; posteriormente, foram mortos ou vendidos como escravos.

2. Roma, a capital do império

Roma era um lugar de violentos conflitos entre famílias que disputavam o poder. Essas lutas não aconteciam apenas nos palácios, pois cada família tinha apoiadores no exército, entre o povo e nas ordens religiosas.

Em 54 d.C., Nero ascendeu ao trono graças às intrigas de sua mãe, Agripina. Nero era um imperador vaidoso, arrogante e sanguinário. Para consolidar seu poder, assassinou a própria mãe, um irmão e sua esposa. Em conluio com Pompeia, sua segunda esposa, instaurou um reinado de terror, massacrando qualquer um que suspeitasse não simpatizar com ele ou com seus métodos de governo. As comunidades cristãs também sofreram a ira desse imperador sanguinário.

Para pôr ordem nas finanças, Nero confiscou propriedades privadas e aumentou os impostos. Isso só agravou a miséria das massas. Em "compensação", para animar o povo, ele organizava jogos e entretenimento gratuitos e, ocasionalmente, distribuía alimentos aos pobres.

Em julho do ano 64, um grande incêndio deflagrou em Roma, atribuído ao próprio Nero. Para apaziguar a fúria popular, ele procurou um bode expiatório, e este recaiu sobre os cristãos, culpados pelo incêndio. A perseguição foi devastadora; muitos fiéis foram mortos. Segundo a tradição, Pedro e Paulo foram martirizados ali.

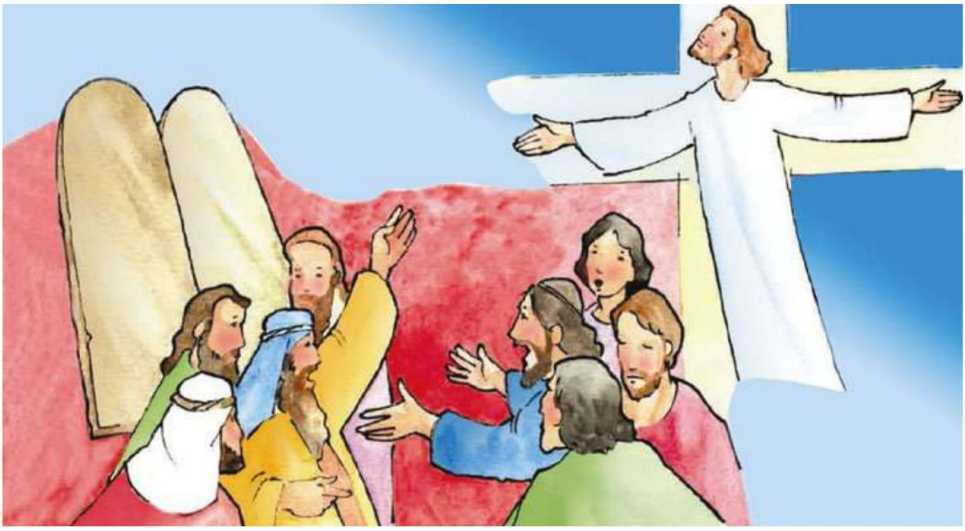
A ambição de Nero era tão grande que várias legiões chegaram a se rebelar contra ele, gritando "Abaixo o tirano!". Nero foi declarado inimigo público e teve que fugir. Ele acabou sendo forçado a cometer suicídio no ano 68. Todos esses eventos marcaram a vida das primeiras comunidades cristãs.

A luta pela sucessão foi violenta. Somente no ano 69, houve quatro imperadores. No fim, quem venceu a disputa pelo poder foi o general Vespasiano, apoiado pelas legiões orientais, que na época estavam em guerra com a revolta judaica em Jerusalém. Vespasiano teve que lidar imediatamente com as finanças, arruinadas pelos gastos extravagantes de Nero e pelos altos custos da guerra civil que ocorrera naquele ano. Como consequência, o empobrecimento do povo aumentou, à medida que a arrecadação de impostos crescia.

3. História da comunidade cristã em Roma

Os primeiros passos. Por volta de 40 d.C., a Boa Nova de Jesus chegou a Roma, trazida por judeus convertidos ao cristianismo. O início foi simples e sem tensões. Os cristãos eram vistos como membros de um grupo específico dentro da religião judaica; portanto, gozavam dos privilégios que o Império havia concedido a essa religião, como, por exemplo, a isenção de prestar culto ao imperador.

Não foi fácil estabelecer novos relacionamentos, visto que essa sociedade era marcada pela divisão social entre livres e escravos, ricos e pobres, e homens que dominavam as mulheres. Era um ambiente de poder político violento e vingativo, especialmente contra as massas empobrecidas. Aos poucos, formaram-se comunidades de 20 a 50 cristãos, de origem judaica e pagã; alguns eram escravos e outros livres; alguns eram comerciantes, outros artesãos, e havia até soldados.



Romanos. Essa população diversa tornava a coexistência difícil. O que os unia era a fé em Jesus Cristo, o único Senhor.

Talvez seja por isso que os judeus se tornaram tão preconceituosos. Eles acreditavam que o estilo de vida dessas comunidades cristãs ia contra os costumes romanos e que isso poderia lhes causar problemas com as autoridades. Portanto, gradualmente se distanciaram, para não serem confundidos com cúmplices. Além disso, começaram a denunciar os cristãos às autoridades.

Por essa razão, em 49 d.C., o imperador Cláudio decidiu expulsar muitos cristãos que haviam se estabelecido em Roma. Entre os expulsos estavam Priscila e Áquila, que tiveram que se mudar para a cidade de Corinto, onde conheceram Paulo e permaneceram com ele por um longo tempo (Atos 18:1-3; Romanos 16:3-4).

Crescimento das comunidades. A expulsão dos cristãos de Roma não sufocou o crescimento das comunidades. Pelo contrário, elas cresceram e começaram a se organizar melhor. Havia comunidades que se reuniam nas casas de Priscila e Áquila (Rm 16:3-5), Aristóbulo (16:10), Narciso (16:11), Hermas (16:14) e Olimpas (16:15). Um desenvolvimento significativo foi a presença de várias mulheres que desempenharam importantes funções na comunidade: a diaconisa Febe (Rm 16:1), Maria (16:6), a apóstola Júnia (16:6), Júlia e a irmã de Nereu (16:15).

Graças à facilidade de comunicação entre Roma e o resto do Império, e aos muitos cristãos que passavam pela cidade, as comunidades começaram a ser conhecidas em outros lugares (Rm 1:8; 16:19). Seguir Jesus havia levado a um novo modo de vida. Mas nem tudo foi fácil, pois abundavam os mal-entendidos: suspeitas, desconfiança, acusações de serem comunidades clandestinas, de praticarem ritos estranhos e perigosos que ameaçavam a segurança do Império.

Dentro das comunidades também havia tensões, causadas por irmãos de origem judaica que ainda estavam apegados à Lei. Esses irmãos eram chamados de “judaizantes”. Quando souberam do trabalho evangelístico de Paulo entre os gentios na Ásia Menor, não o aprovaram e causaram um grande escândalo (Romanos 16:17-18), acusando-o de...

Paulo, um falso pregador, contrário às tradições judaicas. Foi uma grande confusão.

O apóstolo Paulo enviou uma carta. A essas acusações, Paulo respondeu com uma carta corrigindo as interpretações errôneas a seu respeito e oferecendo conselhos à comunidade. Ele escreveu a carta por volta de 57 d.C., em Corinto. Nela, ele afirma claramente que nenhuma lei, por melhor que seja, pode salvar, nem mesmo a Lei Judaica. Somente Deus pode salvar, e Ele o faz gratuitamente por meio de Jesus Cristo. Para que essa salvação seja eficaz, ele diz que a condição é crer em Jesus Cristo, tornar-se Seu discípulo e se engajar plenamente na luta para construir o Reino de Deus (Romanos 14:17).

Paulo também oferece conselhos sobre como lidar com as autoridades imperiais (Romanos 13:1-8). O imperador era Nero, cuja repressão, como já vimos, foi violenta contra todos, inclusive os cristãos. Muitos queriam romper com sua autoridade e negar sua validade. A situação tornou-se tensa e as opiniões se dividiram. Paulo afirma que a autoridade é necessária para a organização da sociedade, mas que nenhuma autoridade é absoluta. Somente Deus é Senhor e Juiz. Portanto, toda lei é relativa e não pode ser usada para oprimir; a autoridade é meramente um instrumento de Deus para servir, para a promoção da justiça e da retidão. Somente nesse sentido os cristãos são chamados a obedecer às autoridades.

Com isso, Pablo demonstra sua preocupação em evitar um confronto entre Cristãos e poder romano, algo que teria sido suicídio.

Pedro e Paulo nas comunidades romanas. Paulo sempre desejara visitar as comunidades em Roma (Rm 15:22-23) e o fez por volta do ano 61. Embora tenha chegado como prisioneiro, tendo sido preso em Jerusalém, exigiu ser levado a Roma para ser julgado, um direito que possuía como cidadão romano (At 25:10-12; 28:13-16). Paulo passou dois anos na prisão, beneficiando-se de tratamento especial por ser cidadão romano: morava em uma casa, embora sempre vigiado por um soldado e com o braço direito acorrentado. Procurava sustentar-se com seu trabalho, acolhendo todos os que o procuravam e pregando-lhes o Reino de Deus e tudo o que dizia respeito ao Senhor (At 28:30-31).

Pedro também chegou a Roma, acompanhado por Silvano, um cristão fiel em tempos de luta e dificuldade (1 Pedro 5:12). Marcos, a quem Pedro considerava um filho (1 Pedro 5:13), chegou com eles. A chegada dos três ajudou muito as comunidades onde cerca de dois mil cristãos perseveravam, centenas dos quais já haviam sido torturados e mortos. Pouco antes de seu martírio, Pedro escreveu uma carta que descreve vividamente a situação. Esta carta foi escrita para irmãos e irmãs dispersos por toda a Ásia Menor (1 Pedro 1:17); eram cristãos migrantes que haviam fugido da perseguição, buscando trabalho ou sendo levados como escravos. Pedro os exorta a permanecerem firmes na expectativa de um fim iminente. Ele chama Roma de “Babilônia”, um símbolo de opressão e repressão (1 Pedro 5:13).

Assim como Paulo, Pedro foi preso na estrada de Filipos para Éfeso, enquanto visitava as comunidades da Ásia Menor e da Grécia. A prisão foi tão repentina que ele nem teve tempo de juntar suas roupas, seus livros e sua capa (2 Timóteo 4:13).

A morte dos dois pilares da fé cristã marcou o início de uma preocupação em compilar os escritos sobre Jesus que já circulavam nas comunidades. Para esse fim, eles

Ele se baseou no testemunho e na pregação de Pedro e Marcos, cujas memórias foram compiladas em um livro, para responder aos desafios da época.

4. A situação das comunidades na época em que o livro foi escrito

Para melhor compreender a autoria do livro, precisamos aprofundar os problemas enfrentados pelas comunidades, pois este Evangelho reflete a situação da época. Dentro das comunidades, havia eventos e pessoas que ofereciam esperança — sinais que apontavam para o Reino! A fidelidade ao seguimento de Jesus moldava a vida dos irmãos e irmãs; a defesa dos pobres impulsionava sua jornada. Mas também havia tensões, conflitos e ambiguidades…

Conflitos externos. Em Roma, as famílias nobres detinham o poder graças às suas ligações com a corte imperial. Exploravam os pobres e os escravos, obrigando-os a viver em submissão. A comunidade questionava-se: qual seria a atitude de Jesus? De que lado ele ficaria? Os apóstolos haviam relatado as ações de Jesus a esse respeito: ele nunca simpatizou com os governantes, nem se sentou à mesa com os opressores (Marcos 6:14-19); nunca entrou em seus palácios. A única vez que entrou em um palácio foi à força, para ser julgado e condenado à morte (Marcos 15:1-3). Jesus não fez alianças com Herodes, Pilatos, os escribas ou os principais sacerdotes. Pelo contrário, foi severo com eles (Marcos 12:38-40).
Em certa ocasião, ele os acusou de serem abusivos e propôs aproveitar a oportunidade para dizer que não viera para ser servido, mas para servir, e não qualquer serviço, mas um serviço capaz de resgatar vidas e a liberdade das pessoas (Marcos 10:42-45). As palavras de Jesus motivaram a comunidade a não ceder às autoridades abusivas.

À medida que as comunidades buscavam ser fiéis a Jesus, os desentendimentos se tornavam mais frequentes. Era realmente difícil ser um discípulo de Jesus sem correr o risco de perseguição. O que fazer? Fugir? Ceder ao opressor? Arriscar a própria vida? Expulsar os irmãos que não eram firmes? Jesus é lembrado por ter sido ameaçado desde o início (Marcos 3:6), perseguido pelos líderes judeus (12:12; 14:1-2). Mas Jesus sempre manteve a coragem e a firmeza para confrontá-los (11:27-33) e, ao mesmo tempo, sempre demonstrou misericórdia para com aqueles que erravam (14:25-31).

As comunidades recordaram um evento crucial na vida de Jesus: a multiplicação dos pães. Enquanto Herodes e os poderosos da Galileia banqueteavam-se e assassinavam pessoas como João Batista (Marcos 6:14-29), Jesus estava no meio do seu povo faminto e abandonado, como ovelhas sem pastor. Aqueles que deveriam ser pastores eram executores; ao contrário, Jesus, vendo a multidão faminta, decidiu multiplicar os pães, sempre com a ajuda do povo. Foi o milagre da partilha. Essa ação de Jesus foi uma denúncia da acumulação de riquezas por uma minoria. O problema da fome tinha de ser resolvido com base na partilha (Marcos 6:34-44).

Mas os apóstolos tiveram dificuldade em compreender isso, porque ainda estavam presos à ideia de lucro e acumulação (Marcos 6:52). Foi necessário que Jesus lhes chamasse a atenção para isso: “Cuidado com a ideologia dos fariseus e de Herodes. Procurem entender o significado da multiplicação dos pães” (8:14-21).

Por outro lado, Roma era uma cidade grande, com pessoas de todas as raças e religiões. A comunidade cristã era uma minoria, desprezada até mesmo por seus irmãos judeus. Estes, por sua vez, sentiam desprezo pelos pagãos, algo que muitos judeus cristãos compartilhavam, correndo o risco de se isolarem dos pagãos. O que fazer? Parar de levar as Boas Novas aos pagãos? Permanecer apenas com os judeus? Então, eles se lembraram de que Jesus começou sua evangelização na Galileia, uma terra considerada pagã (Marcos 1:14), realizou milagres em terras pagãs (5:1-20; 8:1-9) e até mesmo, em certa ocasião, permitiu ser questionado por uma mulher pagã (7:24-30). Portanto, não deveria haver barreiras ou preconceitos contra os pagãos.

A situação em Roma era tão difícil para os pobres e marginalizados que tudo parecia dominado pelas forças do mal. Havia ódio, vingança e morte. Que atitude se deveria tomar diante dessas forças do mal? Pedro e outros missionários falaram da luta de Jesus contra os demônios e espíritos imundos que invadiam até mesmo as sinagogas (Marcos 1:23-28). Para Jesus, os demônios eram forças do mal que impediam as pessoas de serem livres, por isso ele não se calou diante deles, mas os expulsou (1:32-34; 5:6-10; 7:29-30; 9:25-27). Na luta contra Satanás, Jesus foi vitorioso desde o início (1:13). Quando escolheu alguns discípulos para enviar em missão, pediu-lhes que expulsassem demônios (Mc 6:7-13), isto é, que lutassem contra o mal que prejudica a vida das pessoas e das comunidades, e que o fizessem com oração e união com o Pai (9:29).

Conflitos internos. A arrogância e o poder opressor das forças do mal pareciam esmagar as comunidades e quebrar a resistência dos pobres. Muitos se perguntavam se as comunidades tinham futuro, se conseguiriam sobreviver nessas circunstâncias. Onde estavam as promessas de Jesus? Ele as havia esquecido?

Como muitos estavam desanimados e perdidos, era bom relembrar os eventos e ensinamentos de Jesus que os apóstolos e outros crentes haviam relatado. Por exemplo, a travessia do Mar da Galileia com Jesus e alguns de seus discípulos. Jesus, cansado, adormeceu. De repente, uma tempestade tão violenta se levantou que o barco parecia que ia afundar. Os discípulos, muito assustados, acordaram Jesus para que ele os ajudasse. Jesus acalmou a tempestade e então repreendeu seus discípulos por seu medo e falta de fé (Marcos 4:35-41). Em tempos de perseguição, eles puderam compreender o significado daquele evento. O mar era um símbolo da maldade do Império, e a presença de Jesus era a confiança que a comunidade precisava para enfrentar a fúria devastadora do mal.

Em outras ocasiões, eles se lembravam da parábola do agricultor que semeou e voltou para casa em paz. A semente começou a brotar e crescer, sem precisar da presença do agricultor (Marcos 4:26-29); ou se lembravam da parábola da pequena semente plantada perto da casa para produzir mostarda para alimento; com o tempo, ela se torna uma grande árvore, capaz de abrigar muitos ninhos de pássaros (4:30-32).

Essas comparações surgiram em momentos específicos dentro das comunidades. Foi Jesus quem nos ensinou a não nos deixarmos vencer pela ansiedade e a seguirmos firmemente o caminho do Reino, uma realidade que está sempre crescendo, com a garantia de Deus. Por isso, a morte de muitos cristãos serviu como um testemunho que encorajou as comunidades.

Mas alguns sucumbiram ao desânimo: quem substituirá os irmãos mortos? Quem terá tanta coragem quanto eles? Havia certa relutância em assumir papéis de liderança. Então, lembraram-se de que Pedro havia sido

chamado de “Satanás” por não aceitar a cruz de Jesus (Mc 8:33) ou a noite no Getsêmani, quando ninguém pôde estar perto de Jesus nos momentos mais decisivos (14:37), mas fugiram e negaram o Mestre (14:50, 66-72).

Essas experiências os levaram a reconhecer suas fraquezas e a tentar assumir papéis de liderança. Afinal, servir à comunidade era uma questão de discipulado e fidelidade em meio à perseguição. O próprio Jesus havia começado seu ministério público proclamando o Reino de Deus logo após a prisão e morte de João Batista (Marcos 1:14); no auge da crise, ele tomou a decisão de ir a Jerusalém, mesmo sabendo que seria morto (8:31; 14:43-46). E o que mais os impressionou foi que Jesus permaneceu firme (14:60; 15:1-5). O silêncio de Jesus não era o silêncio dos derrotados, mas o de alguém livre e consciente; um silêncio que denunciava a covardia e a mentira: “Ninguém costura remendo de pano novo em roupa velha, nem se põe vinho novo em odres velhos” (2:21-22).

Outro problema que gerava tensão nas comunidades era a presença de mulheres em posições de liderança. Nas sociedades pagãs e judaicas, as mulheres tinham pouca influência. Eram consideradas adequadas apenas para criar os filhos ou cuidar dos homens. Suas vozes não eram ouvidas e elas não serviam de testemunhas para nada.

Mas, nas comunidades, as pessoas queriam experimentar a novidade do evangelho de Jesus. Por isso, algumas mulheres assumiram papéis importantes: apóstolas como Júnia (Rm 16:6) ou diaconisas como Febe (Rm 16:1). Mas nem todos aceitaram isso. A experiência do passado ainda as marcava. Havia desconfiança, suspeita e até calúnia. Alguns achavam que as mulheres da comunidade deveriam ser tratadas como eram na sociedade romana e judaica. Isso levou a discussões.

As mulheres cristãs defenderam corajosamente relações de igualdade e dignidade. Não faltaram irmãos que apoiaram a sua causa, iluminados pelos ensinamentos e práticas de Jesus, que dava grande valor às mulheres, especialmente às marginalizadas: ele curou a sogra de Pedro (Marcos 1:29-31), uma mulher considerada impura por causa da sua doença (5:25-34); permitiu ser questionado por uma mulher pagã (7:24-30); valorizou a oferta de uma viúva pobre e usou-a como exemplo para expor a ganância dos ricos (12:41-44); muitas tornaram-se discípulas de Jesus. Muitos irmãos da comunidade ficaram profundamente comovidos ao saber que, na época da Paixão, só estas mulheres tiveram a coragem de acompanhar Jesus (15:40-41; 15:47). E por isso, foram as primeiras testemunhas da ressurreição (16:1-11). A participação das mulheres ajudou a denunciar os preconceitos e o desprezo contra elas.

Todos esses conflitos externos e internos comprovam que a formação das comunidades não foi fácil. Jesus não lhes deixou nenhuma lei escrita. Elas tiveram que criar um modo de vida para permanecerem fiéis a Jesus nas situações específicas que vivenciavam. Isso exigia atenção constante à sua realidade e grande fidelidade ao Senhor.

Para organizar todas essas experiências, iluminadas pela prática do Mestre, muitos irmãos e irmãs se dedicaram a selecionar cuidadosamente os eventos, considerando o que poderia encorajar os irmãos e irmãs. Quando começaram a reunir esse material, surgiram outras preocupações, por exemplo, as opiniões expressas sobre Jesus, muitas das quais não tinham nenhuma semelhança com os ensinamentos das testemunhas de Jesus.

Alguns diziam que Jesus era o Filho de Deus; outros, que ele era Todo-Poderoso. Alguns proclamaram seu glorioso retorno, como generais romanos após suas vitórias. Todos eram retratos parciais e diminuídos de Jesus. Quem foi Jesus?
Qual era o seu projeto? O que você pode dizer às comunidades que sofrem perseguição?

Alguns folhetos. O Evangelho de Marcos não surgiu do nada. Não foi obra de uma única pessoa ou comunidade, mas emergiu gradualmente, pouco a pouco, a partir de memórias da vida de Jesus Cristo. Os conflitos e desafios que surgiram ao longo do caminho suscitaram reflexões e buscas de significado, sempre à luz de Jesus e de sua prática evangelizadora.

Como resultado, começaram a surgir pequenos folhetos para compartilhar a vida de Jesus. Esses folhetos foram um recurso útil para as comunidades.
Eles não foram produto de um único grupo, nem foram criados de uma só vez. Muitos colaboraram em sua composição: homens e mulheres, sábios e ignorantes, judeus e gregos. Todos compartilhavam a mesma preocupação: buscar inspiração, luz e alternativas na vida e nos ensinamentos de Jesus. Quando vários panfletos foram compilados, comentários mais elaborados foram escritos. Alguns reuniram ditos de Jesus; outros, ações; outros, milagres; outros, relatos da Paixão. O objetivo final não era registrar literalmente o que Jesus disse ou fez, mas buscar em sua vida e prática luz para a jornada das comunidades.

Exemplos de panfletos. No início, quando pagãos pediam para se juntar à comunidade, enfrentavam sérios problemas, visto que os irmãos judeus-cristãos queriam que os novos crentes praticassem a Lei Judaica (circuncisão, costumes, ritos). O que fazer? Qual havia sido a atitude de Jesus em casos semelhantes? Alguns se lembravam de seus confrontos com os fariseus e mestres da lei: “Hipócritas! Vocês são mestres em rejeitar o mandamento de Deus para seguir as suas próprias tradições… Vocês anulam a palavra de Deus com a tradição que transmitem. E fazem muitas outras coisas semelhantes” (Marcos 7:6-13).

Em Roma, dada a indiferença das autoridades, a comida era escassa. O povo, impulsionado pela fome, recorreu ao saque dos mercados; isso provocou a repressão das autoridades. Foi então que alguém se lembrou da atitude de Jesus quando apoiou seus discípulos que colhiam grãos no sábado para saciar a fome: "A vida é mais importante do que qualquer lei" (Marcos 2:27).

Muitos jovens que queriam se juntar às comunidades entraram em conflito com seus pais, que se recusaram terminantemente, dizendo que era perigoso. O que fazer? O que dizer? Alguém se lembrou das palavras de Jesus: “Quem é minha mãe? Quem são meus irmãos? Todo aquele que faz a vontade de meu Pai, esse é meu irmão, minha irmã e minha mãe” (Marcos 3:33-35).

Embora houvesse crentes ricos nas comunidades, a maioria era pobre. Apesar de todos serem atraídos pela mensagem de Jesus, suas diferenças geravam tensão. O que fazer? Alguém se lembrou do encontro de Jesus com o homem rico que guardava a Lei; ele o convidou a compartilhar seus bens, mas o homem recusou. Triste, Jesus declarou que quem não compartilha seus bens não pode ser discípulo nem entrar no Reino de Deus (Marcos 10:17-31).

Esses e outros ditos e feitos de Jesus iluminaram o caminho das primeiras comunidades. Para que não fossem esquecidos, alguém se dedicou a registrar essas memórias por escrito.

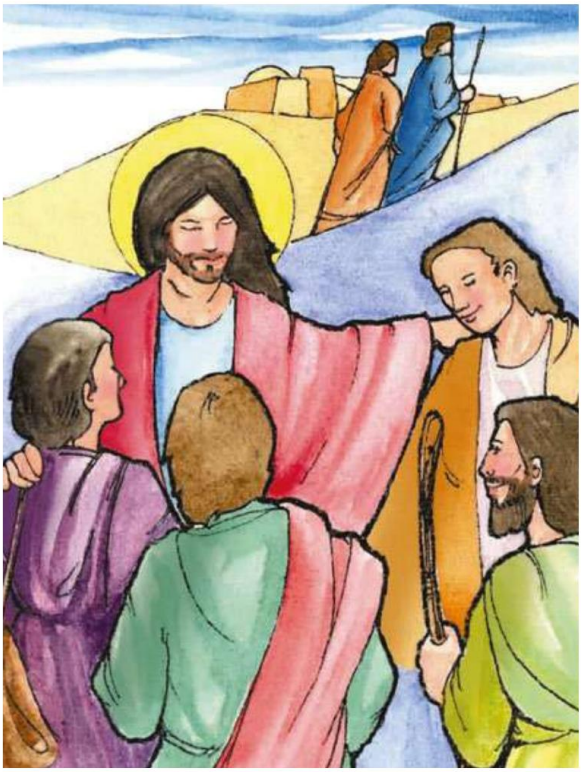
Panfletos que circulavam nas comunidades e orientavam os momentos de discernimento e tomada de decisão.

Por volta de 68-70 d.C., a situação em Roma e o estado das comunidades cristãs eram muito difíceis. Havia uma necessidade percebida de esclarecer as consequências da fidelidade a Jesus Cristo. Assim, surgiu a ideia de realizar uma avaliação detalhada da trajetória da comunidade e compilar todos os panfletos que circulavam entre as comunidades, a fim de aprofundar o conhecimento sobre a vida de Jesus. Marcos certamente fazia parte desse grupo, e sua presença foi significativa, dada a sua experiência com Paulo e Pedro (Marcos 14:51-52; Atos 12:12; Colossenses 4:10; 2 Timóteo 4:11).

Tema 2

DADOS GERAIS E ESTRUTURA DO TRABALHO

Introdução



Marcos foi o criador do gênero literário chamado "evangelho". Ele teve a brilhante ideia de compilar em uma narrativa contínua as tradições sobre as palavras e ações de Jesus que circulavam entre as comunidades cristãs. Para isso, precisou selecionar e organizar diversas tradições. Essa tarefa foi fortemente influenciada pela situação da comunidade cristã à qual ele dedicou sua obra naquele momento.

Já que eles não se conhecem. Dadas as fontes que utilizou, é difícil definir com precisão o que é original de Marcos e o que ele tomou emprestado de outras fontes. Um estudo do seu estilo ajuda-nos a descobrir o estilo de escrita de Marcos. Por outro lado, podemos identificar materiais mais antigos, incluindo trechos que Marcos já encontrou agrupados. Por exemplo, a narrativa da Paixão, a passagem dos pães, as controvérsias com os fariseus, e assim por diante. Com esses materiais, Marcos consegue compor uma obra original, com personalidade própria e coerência interna, que pode ser lida pelos seus próprios méritos.

1. O Estilo Proposto por Marcos O

Evangelho de Marcos possui um estilo distintivo, revelando uma personalidade ágil, especialmente talentosa para a narração. Embora seu público-alvo não fossem os judeus cristãos, a obra claramente tem uma origem semítica, com o estilo popular característico da tradição oral. Assim, por exemplo, há

Uso excessivo da conjunção “e”, típico do estilo oral semítico (uma repetição que, no entanto, é evitada nas traduções. Veja Marcos 1:21-45) ou os muitos termos aramaicos que Marcos usa: Boanerges (3:17); Talitha cum (5:4). Outros exemplos podem ser vistos em 7:34; 10:46; 14:36 e 15:34.

Por outro lado, a arte narrativa se evidencia principalmente em seu realismo concreto, seu estilo esquemático e sua vivacidade. Marcos usa palavras coloquiais que foram posteriormente corrigidas por Mateus e Lucas. Por exemplo, krabaton (maca: Marcos 2:12). Nesse sentido, Marcos utiliza uma variedade de termos para nomear realidades concretas; às vezes, ele relembra detalhes que parecem inconsequentes, por exemplo, em 5:42, ao final da cura da filha de Jairo, ele relata que a menina tinha doze anos.

Marcos utiliza a mesma estrutura literária para diversas narrativas. Se compararmos o relato da acalmia da tempestade (4:39-41) com o relato de um exorcismo (1:25-27), notamos que a estrutura, e até mesmo as palavras (“silêncio!”), são as mesmas. Nesse sentido, a vivacidade que Marcos alcança ao misturar tempos verbais e usar o presente histórico torna os leitores participantes do que está sendo narrado.

Outros recursos literários utilizados por Marcos são os resumos e os trípticos. Os resumos são breves sínteses da atividade de Jesus que Marcos introduz para provocar reflexão dentro de sua narrativa (1:14-15; 3:7-12, etc.). Um tríptico consiste na inserção de uma história dentro de outras de conteúdo semelhante. Com esse recurso, Marcos cria suspense, deixando o leitor intrigado e aguardando o desfecho da primeira história. Temos um exemplo dessa técnica em 5:21-43:

FILHA DE JAIRO (Parte 1) → **HEMORRÓIDAS** → **FILHA DE JAIRO (2ª parte)**

2. Divisão do trabalho

É evidente que Marcos organiza seu material de uma maneira específica. Se formos capazes de ler sua obra utilizando a mesma estrutura que ele emprega, conseguiremos apreender sua riqueza. Qual é essa estrutura? Quais critérios ele utilizou para organizar o material? Diversas divisões da obra foram propostas, as quais não são mutuamente exclusivas, mas sim complementares.

Esquema cronológico. Esta divisão baseia-se na sucessão temporal.
A organização do material corresponde à sequência de eventos da vida de Jesus encontrada nos resumos apresentados na proclamação cristã, por exemplo, nos Atos dos Apóstolos (10:37-41). A proposta é sugestiva, mas não se pode demonstrar a existência de um "esquema tradicional" ou a inserção de diversos materiais em tal esquema.

Esboço geográfico. Uma leitura da obra revela que Marcos dispo-
Os eventos de acordo com uma sequência geográfica:

Galileia – Arredores da Galileia – Viagem a Jerusalém – Jerusalém.

É evidente que Marcos cria esse itinerário com profundo significado teológico, concentrando a atividade de Jesus na Galileia, a terra dos gentios (1:9, 14, 39). Ali ocorre sua revelação escatológica e, a partir daí, começa a missão aos gentios, com o Senhor Ressuscitado à sua frente (14:28; 16:7). Do outro lado está Jerusalém, o lugar onde vivem os oponentes de Jesus (3:22; 7:1; 10:33; 11:18). A "viagem a Jerusalém" divide a história de Jesus entre a Galileia e Jerusalém. Essa visão simbólica do espaço é importante para a compreensão do Evangelho de Marcos, mas não pode ser usada para deduzir uma divisão do livro. Mais do que um critério organizacional, trata-se de um fio condutor temático que percorre a obra, buscando explicar o significado da missão de Jesus e justificar a pregação aos "gentios".

Enquadramento Cristológico. O ponto de partida para esta divisão é a ruptura que ocorre entre 8:26 e 8:27. Embora haja indicações ocasionais sobre quem é Jesus antes de 8:26, é na segunda parte que a questão de quem Jesus é é claramente respondida. Esta concentração de material cristológico e soteriológico é certamente uma construção de Marcos. A chave reside na questão do “segredo messiânico”, que discutiremos mais adiante. Na primeira parte (1:1–8:26), há uma apresentação velada de Jesus; embora suas ações provoquem uma certa reação quanto à sua identidade, isso não é aceito por Jesus, que impõe silêncio àqueles que querem revelar sua identidade. A divisão baseada em critérios cristológicos é apropriada, visto que a apresentação de Jesus é a “espinha dorsal” de todo o Evangelho.
Mas isso não basta, e deve ser complementado com critérios literários que deem maior unidade à obra e nos revelem a sua construção dramática.

Esboço literário-teológico. Os critérios teológicos praticamente coincidem com o que foi dito na seção anterior. Na primeira parte, a revelação progressiva de sua identidade se torna evidente, como resposta à pergunta: Quem é Jesus? Sua revelação ocorre em segredo até os 8:30. Nesse momento, Jesus fala aos seus discípulos e lhes explica o mistério do Filho do Homem, algo que culminará em sua Paixão em Jerusalém.

Na primeira parte, três resumos refletem a progressão da atividade de Jesus (1:14-15; 3:7-12; 6:6b). Cada resumo é seguido por uma perícope referente aos discípulos (1:16-20; 3:13-19; e 6:7-13). O resumo e a perícope sobre os discípulos marcam o início de três seções que concluem com as reações de: 1. Os fariseus (3:5-6); 2. Seus próprios seguidores (6:1-6a); 3. Os discípulos (8:17-21). A reação é sempre a mesma: cegueira de coração. Esse padrão se repete três vezes, resultando em uma divisão tripartite da primeira parte.

Resumo	Discípulos	Reação	Seções
1,14-15	1,16-20	3,5-6	1,14-3, 6
3,7-12	3,13-19	6.1-6a	3,7-6, 6a
6,6b	6,7-13	8,17-21	6.6b-8.21

Procedimentos semelhantes são usados na segunda parte. Há três seções, cada uma construída de maneira distinta: a jornada do Filho do Homem (8:31–10:52); a Revelação em Jerusalém (11:1–13:56); e a Paixão e Ressurreição (14:1–16:8). Na primeira parte, observa-se a repetição tripla do mesmo esquema.
e.

Anúncio de Paixão	Incompreensão	Instrução
8,31	8,32-33	8,34ss
9,30-31	9,32	9,35ss
10,32-34	10,35-40	10,41ss

Esta segunda parte está organizada em torno de três viagens que Jesus faz de Betânia a Jerusalém: Betânia-Jerusalém (Inspeção do templo: 11,1-11); Betânia-Jerusalém (Purificação do templo: 11,12-19); Betânia-Jerusalém (Discussão no templo e discurso escatológico: 11, 20-13,36).

Por fim, há a narrativa da Paixão e Ressurreição, que já era um todo unificado antes de ser incorporada ao Evangelho, e que Marcos coloca no final de sua obra como culminação e chave para a compreensão de tudo o que a precedeu. Essa divisão, baseada em critérios literários, reflete melhor a estrutura geral do Evangelho. Além disso, destaca o drama que se desenrola entre Jesus, seus seguidores, o povo e seus adversários.

RESUMO DA DIVISÃO DO TRABALHO

<table>
<tr><th>Divisão
Cronológica
(Hch 10,37-41)</th><th>Divisão
Geográfico</th><th>Divisão
Cristológica</th><th>Divisão literária-teológico</th></tr>
<tr><td rowspan="3">1,1-8: Juan Bautista

1,9-13,37: Jesus, ungido pelo Espírito Santo, anda por aí fazendo o bem.</td><td>1,1-13: no Jordânia

1,14-9,50: Cafarnaum
1,16-3,35:

À beira do lago (4-5)
Nazaré e arredores (6:1-13)
Lago (6,30-7,23)
território judaico e pagão (7,24-9,29)
Galileia, e Cafarnaum (9:30-50)</td><td>1,1-13: Uma voz dos céus clama "Meu filho"

1:14-8:26: Jesus anuncia com Palavras e ações demonstram a proximidade do Reino.

Silêncio aos demônios (1, 14-6, 6a)
Opiniões sobre Jesus (6,6b-8,26)</td><td>1,1-13: Jesus e João Batista

1:14-3:6: Jesus e seus discípulos diante do povo e seus adversários.

3:7-6:6a: Jesus com seus discípulos</td></tr>
<tr><td>10.1-52: Jornada</td><td>8,27-16,8: Pedro: Tu és o Messias.
Voz do céu:
“Este é o meu Filho amado.”
Jesus anuncia sua paixão (8:27-10:52).
O Filho de Davi em Jerusalém (11-13).</td><td>6,6b-8,26: Jesus se revela aos seus discípulos.</td></tr>
<tr><td>14,1-15,47: Morte de Jesus</td><td>11,1-16,8: O ministério e a paixão de Jesus em Jerusalém</td><td>Jesus declara-se Filho de Deus perante o Sinédrio.
Um pagão confessa: "Este homem era o Filho de Deus."</td><td>11:1-13:37: Revelação em Jerusalém. Ruptura definitiva.

14:1-16:8: Culminação do mistério. Paixão e ressurreição do Filho do Homem.</td></tr>
<tr><td>16:1-8: Ressurreição.</td><td>Anúncio da reunião em Galileia. Acompanhe a missão.</td><td></td><td></td></tr>
</table>

A primeira parte apresenta o enigma da pessoa de Jesus. Sua revelação está envolta em mistério. Nas curas, todos o reconhecem, mas suas reações são triunfalistas e insinceras; ou seja, demonstram incompreensão e falta de fé.
Primeiro, são os fariseus que fecham seus corações a Jesus (3:5-6). Depois, são os "seus", a quem ele proclama o Reino por meio de parábolas, que reagem com falta de fé (6:1-6a). Finalmente, são os seus discípulos, a quem ele revela o Reino de Deus (4:11), que reagem com incompreensão (8:17-21).

O resumo da primeira parte encontra-se na transição. O episódio da confissão de Pedro (8:27-30) reflete a contradição: ele confessa Jesus como o Messias, mas não compreende todas as implicações desse título. É necessário que os discípulos compreendam melhor o destino do Filho do Homem. Essa instrução encontra-se nas passagens do cego de Betsaida (8:22-26) e do cego Bartimeu (10:46ss).

A transição, portanto, funciona como um gancho entre as duas seções: ela abre um
E encerra mais uma, através de dois episódios fundamentais para a compreensão do evangelho.

A segunda parte começa com "o caminho", onde Jesus instrui seus discípulos sobre a sua morte. Isso serve como fio condutor para os três anúncios da Paixão e o subsequente mal-entendido dos discípulos. Jesus dedica-se a instruí-los. Na segunda parte, a revelação do Filho do Homem ocorre em Jerusalém. Através de diálogos, ensinamentos e ações simbólicas, Jesus manifesta a sua identidade. Em sua morte, a verdadeira natureza messiânica de Jesus é revelada. O paradoxo atinge seu clímax, e o mistério convida à entrega em seus braços.

3. Generalidades do trabalho

Autor. Esta obra é conhecida há muito tempo como o “Evangelho segundo Marcos”, sendo sua autoria atribuída a um discípulo chamado João Marcos. Essa figura é mencionada nos Atos dos Apóstolos (12:12, 25; 13:13; 15:37, 39), Colossenses (4:10), Filemom (24) e 1 Pedro (5:13). Embora a autoria de Marcos não seja totalmente certa, não há fortes razões para negá-la. Na verdade, não temos nenhuma evidência direta do próprio Evangelho para identificar o autor. O nome do autor não aparece no texto original, portanto, estritamente falando, Marcos é uma obra anônima.

Mas será necessário conhecer o autor do evangelho? Acreditamos que não.
O importante é que a obra foi recebida pela Igreja como um testemunho, graças à autoridade dada pelos apóstolos. No entanto, para estabelecer com mais precisão a data e o local em que o Evangelho de Marcos foi escrito, e para conhecer seu público-alvo e a razão pela qual o autor escreveu sua obra, é necessário examinar o possível autor.

Segundo a tradição, este Evangelho foi escrito por um intérprete da pregação de Pedro, chamado João Marcos, um jovem judeu convertido, filho de Maria, em cuja casa a comunidade costumava se reunir (Atos 12:2). Marcos acompanhou Barnabé e Paulo na missão a Antioquia (Atos 12:25) e, posteriormente, continuou a acompanhar Barnabé em seu trabalho missionário (Atos 13:5, 13; 15:37). Por outras fontes, sabemos que ele acompanhou Paulo a Roma durante seu aprisionamento (Colossenses 4:10; 2 Timóteo 4:11; Filemom 10).

24), quanto a Pedro (1 Pedro 5:13). Muitos testemunhos e documentos extracanônicos apontam nessa direção.

No século IV, Eusébio de Cesareia, citando o testemunho de Papias, bispo de Hierápolis (110 d.C.) e discípulo de João, o Velho, atribuiu a autoria do Evangelho a João Marcos. Em 180 d.C., Irineu de Lyon repetiu a afirmação de Papias, acrescentando que o Evangelho foi escrito após as mortes de Pedro e Paulo. Padres da Igreja como Tertuliano, Orígenes e Jerônimo identificaram Marcos, um discípulo de Pedro e Paulo, como o autor deste Evangelho. Segundo Jerônimo (século IV), Marcos fundou a igreja de Alexandria; serviu como bispo lá e foi martirizado em 68 d.C., arrastado pelas ruas da cidade e depois queimado.

É, portanto, razoável supor a opinião generalizada de que este evangelho remonta a João Marcos. No entanto, muitos comentaristas concordam que houve mais de um redator, provavelmente cristãos de segunda geração, que levaram a obra inicial de João Marcos à sua forma final.

Destinatários. A tradição identifica o público-alvo como pagãos convertidos que viviam em Roma durante o reinado de Nero (64 d.C.). Certas pistas no texto sugerem que se tratava de uma comunidade pobre, ansiosa por dar testemunho de sua fé, assim como Jesus fizera, até a morte na cruz. Essa comunidade atravessava um período de crise devido às perseguições sofridas. Muitas dúvidas surgiram. Diante dessa situação, Marcos convida a comunidade a viver uma fé comprometida com Jesus, pobre e libertador (11:1-12), servo sofredor (8:31), Filho de Deus (15:39), crucificado e ressuscitado (16:6). Em tempos de perseguição e martírio (13:9-10), Marcos enquadra o seguimento de Jesus em termos da cruz (8:34-38; 15:40-41). Discípulo e cruz são inseparáveis (8:27-18).

10:52). Em meio ao conflito, Marcos proclama um futuro de esperança, porque o crucificado está vivo (16:6).

Apesar dessas pistas extraídas do próprio texto, não podemos ter certeza da localização geográfica da comunidade. Existem duas hipóteses: Galileia ou Roma. A mais aceita sugere que a comunidade de Marcos se originou na Galileia, visto que essa região aparece com destaque no texto. Na Galileia, uma região considerada pagã e, portanto, desprezada, Jesus começa a proclamar o Reino de Deus (1:14-15).
15); ali ele inicia sua jornada para Jerusalém (16:7); dali a Boa Nova se espalha por todo o mundo (16:15). Outros autores apontam para Roma e seus arredores, usando os seguintes critérios:

Somente Marcos fala de Simão de Cirene e diz que ele é o pai de Rufo (15:21), uma pessoa que parece ser de grande interesse para os leitores (cf. Rm 16:13).

Embora o Evangelho tenha sido escrito em grego , ele usa termos latinos (6:27; 12:42; 14:65; 15:15-16, 39, 44-45). Em 5:9, 15, o espírito imundo é chamado de “legião”, uma palavra importante no jargão militar romano. Curiosamente, quando Marcos usa termos latinos, ele nunca os explica, presumivelmente porque seus leitores já estavam familiarizados com eles.

No entanto , quando usa termos hebraicos, que certamente eram desconhecidos para seus leitores, ele vê a necessidade de explicá-los (3:17; 5:41; 10:46; 15:34). Nesse sentido, ele explica que Geena é o inferno (9:43-44). Além disso

Ele sente a necessidade de explicar alguns costumes judaicos, como lavar as mãos (7,3), o significado da Páscoa (14,1-12) ou o significado da vigília do Shabat (15,42).

Existem testemunhos extracanônicos que apontam Roma como o local onde um evangelho foi divulgado pela primeira vez.

PALAVRAS LATINAS	PALAVRAS ARAMAICAS
Modius = cesta, copo (4,21).	Boanerges (Filhos do Trovão: 3,17).
Herba = broto, caule (4,28).	Belzebu (Demônio: 3,22).
Legio = legião (5,9.15).	Talitha com (Ascensão: 5,41).
Especulador = soldado, executor (6,27).	Corban (Homenagem: 7,11)
Denário = Denário (6,37; 12,15; 14,5).	Epheta (para abrir: 7,34).
Sextarius = jarra, jarro (7.4).	Rabino (Professor: 9,5; 11,21; 14,45).
Censo = imposto censitário (12,14).	Bartimeu (filho de Timeu: 10,46).
Quadrans = moeda pequena (12,42).	Rabbuni (Professor: 10,51).
Fragello = flagelar, açoitar (15,15).	Hosana (11,9-10).
Pretório = sede do governador (15,16)	Abba (Pai: 14,36).
centurio = centurião (15,39,44,45).	Gólgota (local de um crânio: 15,22).
	Eloi lema sabachthani (Meu Deus, por que me abandonaste?: 15,34).

Data de composição. Segundo a tradição, Marcos escreveu seu Evangelho após a morte de Pedro (64 d.C.). Essa data é considerada confiável, pois indícios no próprio Evangelho apontam que a obra foi concluída antes da destruição de Jerusalém (70 d.C.), consequência da Guerra Judaica. Muitos estudiosos bíblicos sugerem uma data provável de composição entre 65 e 69 d.C., período marcado pela perseguição sob Nero (64 d.C.) e pela destruição do Templo (70 d.C.), eventos que impactaram profundamente tanto o povo judeu quanto as comunidades cristãs nascentes.

Portanto, podemos concluir que Marcos foi o primeiro Evangelho a ser reescrito. Seu contexto político, econômico e social era o domínio romano, e provavelmente foi dirigido a cristãos que viviam na capital do império ou em seus arredores.

Estrutura do Evangelho de Marcos

Introdução:

João Batista e Jesus (1:1-14)
Início da pregação de Jesus (1,15).

Início do Ministério:

Jesus cura, prega e ensina na Galileia e em outros lugares (1,16-6,6).
Jesus enfrenta oposição (6.7-8:21).
Seção central: Jesus e seus discípulos a caminho de Jerusalém (8:22-10:52).

Conclusão do Ministério:

Jesus confronta as autoridades de Jerusalém (11:1-13:37).
A Paixão: jantar, prisão, julgamento, crucificação, morte, sepultamento (14,1-15,47).
Conclusão: As mulheres encontram o túmulo vazio (16:1-8; os versículos 9-20 não estavam no original; foram adicionados posteriormente).

MATERIAL ENCONTRADO APENAS EM MARCOS

1.1: Verso introdutório.
3,19b-21: A família de Jesus tenta impedi-lo.
4,26-29: A parábola da semente que cresce por si mesma.
7:31-37: Jesus cura um surdo na Decápolis.
8:22-26: Jesus dá vista a um cego em Betsaida.
14:51-52: Um jovem escapa nu após a prisão de Jesus.

16:14-18: O envio dos onze para pregar.

4. Jesus no Evangelho de Marcos

O tema central deste Evangelho é Jesus de Nazaré e a reação que ele provocou em seu povo. Marcos escreve seu Evangelho à luz da ressurreição, mas não se detém nesse mistério da fé. Pelo contrário, ele enfatiza a apresentação de Jesus, o crucificado, e do povo incrédulo que o rejeita.

Logo no início de sua obra, Marcos declara Jesus “o Cristo, o Filho de Deus”; sua vida é “Boas Novas” (1:1). Ao longo da obra, essa confissão será ratificada por Deus Pai (1:11), pelo Espírito Santo (1:12) e até mesmo por Satanás (1:13).

É este Jesus quem começa a anunciar a chegada iminente do Reino de Deus. Mas o seu anúncio provoca um forte confronto: nem a sua família o compreende (3:21), nem o seu povo (6:1-6), nem os seus discípulos (4:41; 6:51-52). Os fariseus e herodianos, por sua vez, decidem eliminá-lo (3:6). Enquanto alguns pagãos reconhecem o seu poder (5:18-20; 7:24-30), os seus discípulos são cegos e não compreendem a Paixão. Jesus, que cura os cegos (8:22-26), não consegue curá-los.

Neste evangelho, Jesus não facilita a compreensão de sua pessoa, mas revela seu poder sob a condição de que ninguém saiba (o segredo messiânico).

(co). Embora Jesus se distancie de seus seguidores, ele sempre se lembra deles; revela sua glória aos discípulos na Transfiguração, mas ordena que permaneçam em silêncio até o momento de sua ressurreição. Com tudo isso, Marcos evoca uma figura enigmática para leitores que já se encontram perplexos.

Os seguidores de Jesus. Paralelamente ao mistério da identidade de Jesus, Marcos desenvolve a condição dos discípulos. Em primeiro plano na narrativa aparece a relação entre Jesus e seus discípulos; uma espécie de catequese progressiva. Eles estão sempre juntos, pois ele os escolheu "para viverem com ele" (3 Ele faz tudo na presença deles. Os discípulos são símbolos dos destinatários do evangelho!

Na primeira parte (1:1–8:30), Jesus desmantela as ideias preconcebidas dos discípulos sobre Deus e o Messias. A tarefa é árdua porque eles não entendem suas parábolas (4:13); têm medo dele (4:41); não compreendem seus milagres (6:52; 7:37). Parece que suas instruções caem em ouvidos surdos (8:17–21).

A cura do cego de Betsaida (8,22-26) introduz o início da cura da cegueira dos discípulos, uma realidade dramatizada na confissão de Pedro (8,27-30). O cego e Pedro ocupam o centro do Evangelho. A partir daí, a catequese de Jesus se concentra na condição de sofrimento do Messias, na cruz que todos os discípulos que desejam segui-lo devem carregar (8,34). Três vezes Jesus anuncia sua Paixão e, embora eles não a compreendam completamente, o caminho agora está livre para que sua morte na cruz seja o momento em que o mistério de sua identidade messiânica é definitivamente revelado.

Assim, Marcos chega ao clímax de sua narrativa: “Verdadeiramente, este homem era o Filho de Deus” (15:39). Essa confissão é a resposta à voz do Pai no início do Evangelho: “Tu és o meu Filho amado, em quem me comprazo” (1:11). O centurião representa os crentes de origem pagã, que alcançam a fé por meio da cruz. Mas ele também representa pessoas de todos os tempos, com quem Jesus se encontra para convidá-las a reconhecê-lo como o Filho de Deus e Salvador em situações de morte e desespero.

Tema 3

CONTINUAÇÃO DA LEITURA DA OBRA DE MARCOS

Introdução

Todos os Evangelhos são textos que compartilham um fio narrativo comum, com personagens e recursos literários que buscam apresentar a figura de Jesus. Os Evangelhos são narrativas, não biografias; narrativas teológicas, isto é, confissões de fé das primeiras comunidades cristãs sobre o que descobriram em Jesus como testemunho do amor de Deus e do cumprimento das promessas do Antigo Testamento.

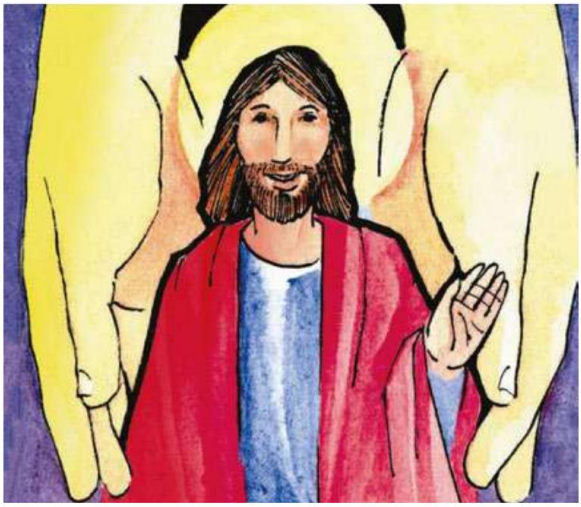
Marcos, mais do que um narrador e intérprete das tradições de Pedro e Paulo, é um teólogo popular criativo. Sua criatividade teológica é evidente em sua narrativa, na qual ele se esforça para detalhar as cenas em que Jesus aparece (1:13, 33; 2:1-2; 4:36-38; 6:56; 8:2-3, 14; 9:36; 10:32, 50, etc.). Seu estilo é simples, porém profundo, permeado por dois temas centrais em seu Evangelho: denúncia e proclamação. Dentro desses temas, ele estrutura sua visão teológica do ministério de Jesus.

Marcos não se preocupa com a forma do nascimento de Jesus e diz pouco sobre a sua ressurreição. O Jesus de Marcos é dinâmico, comove as pessoas, é tão humano que se cansa (6:31), se irrita (1:41; 3:5), se move (1:41; 6:34; 10:47), se impaciente (9:19), sente fome (6:31) e sono (4:38). Contudo, desde o início, a sua divindade é afirmada, revelando-se precisamente na sua plena humanidade (1:1; 3:11; 5:7; 9:7; 13:33; 14:61; 15:39).

Marcos confronta os desvios teológicos e sociais de seu tempo com a mensagem de Jesus: ele condena o legalismo farisaico como um modelo de dominação religiosa (8:15) e Herodes como um exemplo do governante corrupto de todos os tempos (6:14-29). Em contraste, Marcos demonstra maior simpatia pelos estrangeiros do que pelos judeus, incluindo as autoridades religiosas, a quem critica duramente. Assim, os beneficiários do Reino de Deus são os marginalizados: mulheres (15:1-8), prostitutas (14:3-9), viúvas (12:41-44), crianças (5:21-23; 10:13-16), enfermos (1:29-34; 2:1-12; 6:53-56), leprosos (1:40), famintos (6:30-44) e estrangeiros (7:24-37).

Finalmente, para Marcos, o Reino de Deus deve ser recebido com simplicidade infantil (10:14-15) e espírito de serviço. É por isso que as mãos de Jesus se destacam em Marcos! (1:31; 8:23; 9:27); elas são um símbolo de serviço. Portanto, um tema importante no Evangelho é mostrar ao mundo pagão o amor de Deus por meio de Jesus, o servo por excelência: “Quem quiser tornar-se grande entre vocês deverá ser servo de todos, e quem quiser ser o primeiro deverá ser escravo de todos. Pois nem mesmo o Filho do Homem veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos” (10:43-45).

1. Panorama geral



Dentre as várias maneiras de classificar o material do Evangelho de Marcos, vamos nos concentrar em uma que organiza a obra em cinco seções: 1. Breve anúncio de Jesus como Cristo (1,1-13); 2. O poder de Jesus (1:14-8:26); 3. A afirmação dos apóstolos sobre Cristo (8:27-30); 4. O caminho de sofrimento de Cristo (8:31-15:47); 5. A vitória do Messias (16:1-8).

Vamos analisar cada uma dessas seções.

O Anúncio do Messias. "Princípio do evangelho de Jesus Cristo, Filho de Deus" (1:1). Quando Marcos se refere a Jesus como o Cristo, ele usa a tradução grega da palavra hebraica "Messias". No Antigo Testamento, havia a convicção de que o Messias deveria ser descendente do Rei Davi e que sua missão seria restaurar o reino de Israel, tornando essa nação a intermediária para o reinado de Deus na Terra. Essa confissão se completa ao afirmar que ele é o Filho de Deus.

Essa declaração inicial é seguida por um breve relato do batismo de Jesus por João Batista (1:2-11). Ao final do batismo, o Espírito Santo desce sobre Jesus, e a voz de Deus é ouvida, anunciando que Jesus é seu Filho amado. Dessa forma, o Pai e o Espírito Santo confirmam que Jesus é verdadeiramente o Messias.

Vale lembrar que, no primeiro século, os judeus acreditavam firmemente na vinda do Messias. No entanto, havia diversas crenças. Os Manuscritos do Mar Morto mostram que alguns até acreditavam na vinda de dois Messias, um sacerdote e outro rei. Mesmo assim, a expectativa geral era de que o Messias seria um descendente de Davi e traria paz política expulsando os invasores. De acordo com a fé judaica, isso seria possível se Israel obedecesse à Lei.

Portanto, as autoridades religiosas viam Jesus como uma ameaça, visto que Ele não se submetia estritamente à Lei, mas chegava ao ponto de transgredi-la. Jesus não correspondia às expectativas messiânicas e políticas! Muitos judeus viam em Jesus a personificação do que Deuteronômio 13 descrevia: alguém que realizava prodígios e milagres, mas que, no entanto, era um falso profeta e, portanto, merecia ser condenado à morte.

Os judeus acreditavam que, quando o Messias aparecesse, iria diretamente a Jerusalém para tomar posse do trono real. Mas Jesus, imediatamente após o seu batismo, foi conduzido pelo Espírito Santo ao deserto para ser tentado por Satanás (1:12-13). A jornada de Jesus seria longa, repleta de tensões e confrontos.

O Poder do Messias (1:14–8:26). Nesta seção, Jesus começa a demonstrar sua autoridade como Cristo. As multidões se aproximam para se beneficiarem de seu ministério, mas não reconhecem que seu poder é uma manifestação de sua messianidade. De fato, em nenhum momento desta seção alguém se refere a ele como Cristo. Até mesmo Jesus permanece em silêncio sobre sua identidade e encoraja outros a fazerem o mesmo.

Não devemos esquecer que o público de Marcos era composto por cristãos de origem pagã (romana); portanto, eles sabiam que Jesus era o Messias. Mas a estratégia de Marcos é mostrar a tensão e as dúvidas das multidões a respeito de Jesus, e então mostrar que a chave para desvendar sua profunda identidade é a cruz. Infelizmente, alguns estudiosos tendem a interpretar o silêncio como uma indicação de que Jesus desconhecia seu papel messiânico no início de seu ministério. Mas, como vimos em 1:11, o próprio Deus proclama Jesus como o Messias. Assim, é melhor entender o silêncio de Jesus como uma estratégia. Jesus tinha um objetivo, a cruz, e quanto mais pessoas se aproximassem dele, mais difícil se tornaria cumprir sua missão.

O poder de Cristo em Marcos pode ser dividido em quatro partes: 1. Uma introdução que estabelece o estilo narrativo; 2. O ministério de Jesus perto de Cafarnaum; 3. O ministério de Jesus na região da Galileia; 4. Seu ministério além da Galileia, em áreas pagãs. Vamos analisar essas seções.

Introdução (1:14-15). “Chegou a hora, e o reino de Deus está próximo; arrependei-vos e crede no evangelho” (1:15). Marcos esclarece que o objetivo de Jesus na Galileia é pregar o Evangelho, isto é, que o Reino de Deus está próximo e é oferecido a todos os que se arrependem e creem.

Assim, Marcos concentra-se no ministério de Jesus, começando em Cafarnaum e estendendo-se por toda a Galileia. Ao contrário dos outros Evangelhos, Marcos omite os ensinamentos de Jesus em outros lugares. Marcos deseja narrar apenas as atividades de Jesus na Galileia.

Perto de Cafarnaum (1:16-3:6). Marcos diz que Jesus chama seus primeiros discípulos (1:16-20), o que nos mostra que, a princípio, as pessoas responderam a Jesus com entusiasmo. Jesus pede que o sigam, e eles deixam suas atividades e se tornam seus discípulos. De lá, ele vai para Cafarnaum para pregar e realizar milagres (1:21-34). Nesse período, a fama de Jesus começa a se espalhar pela Galileia, e multidões começam a procurá-lo, dificultando a proclamação do Evangelho. Jesus exige que não o proclamem como o Messias e que deixem Cafarnaum, indo para as aldeias vizinhas (1:35-45) para pregar e realizar milagres, e também para escapar das multidões. Nessas aldeias, ele também pede que ninguém confesse que ele é o Messias. Então, ele retorna a Cafarnaum, onde tem desentendimentos com os líderes judeus (2:1-3:6) porque Jesus declara ter autoridade para perdoar pecados, acolher pecadores e agir no sábado, o dia de descanso. Como resultado, seus oponentes também começam a crescer em número e veemência. A seção termina prevendo a morte de Jesus (3:6). Por que eles não aceitam Jesus nem ouvem seus ensinamentos? Porque seus ensinamentos não eram o que eles esperavam: um reino terreno. Jesus fala de um reino que transforma as pessoas; portanto, seus milagres foram rejeitados, visto que confirmavam o que ele ensinava.

A região da Galileia (3:7-6:13). Nesta etapa, Jesus prega e demonstra a proximidade do Reino de Deus em regiões além de Cafarnaum. Quanto mais ele prega o arrependimento e o perdão, mais atrai multidões, o que alimenta a oposição. Esta seção começa com Jesus se distanciando das multidões (3:7-12), o que estabelece um padrão: a fama de Jesus se espalha por toda parte, seus inimigos tentam minimizar seu ministério e as multidões dificultam seu ensino sobre o Reino de Deus. Essas parecem ser as razões pelas quais Jesus decide ir para outras regiões da Galileia. Em uma nova seção, Marcos nos informa que Jesus nomeia doze discípulos para serem seus apóstolos (3:13-19) e ajudá-lo a pregar o Evangelho e realizar milagres. Marcos deixa claro que um desses apóstolos trairia Jesus. A oposição a Jesus vem não apenas de seus inimigos, mas também de alguns de seus seguidores. Marcos relata que a oposição se ampliou: agora incluía os mestres da lei e sua própria família (3:20-35). Para os mestres da lei, Jesus estava possuído pelo demônio, e para sua família, ele havia perdido a razão. Na seção 4:1-34, Jesus dedica-se a proclamar o Reino de Deus por meio de parábolas, para que os crentes o compreendessem e para ocultá-lo daqueles que não creem: "A vocês foi dado o mistério do Reino de Deus, mas aos de fora, nada é revelado, a não ser por parábolas. E estas palavras são verdadeiras: 'Vendo, não veem; ouvindo, não entendem; do contrário, se converteriam, e lhes seriam perdoados'" (4:11-12). Contudo, as parábolas confundiram até mesmo seus discípulos, de modo que Jesus teve que explicar-lhes o significado em particular, a saber: Deus traz a plenitude do Reino após um processo de crescimento gradual. Jesus traz o Reino de Deus, mas isso terá como preço o sofrimento e a oposição! Em suas parábolas, Marcos relata vários exemplos do poder de Jesus (4:35-5:43): ele controla o clima, expulsa demônios, cura os enfermos e ressuscita os mortos. Em cada uma dessas histórias, as pessoas enfrentam o perigo com medo; Jesus intervém e afasta o perigo; mas, longe de se acalmar, o medo das pessoas só aumenta.

Eles não entendem quem é esse homem poderoso. Por exemplo, os discípulos expressam seu medo quando, em meio a uma grande tempestade, estão prestes a naufragar e Jesus está dormindo. Eles o acordam, na esperança de que ele os ajude a serem salvos. Jesus se levanta e ordena que o vento e as ondas se acalmem. Uma vez salvos, Marcos diz que eles sentiram ainda mais medo, pois sabiam que estavam na presença do poder de Deus. Continuando a narrativa, Marcos fala da oposição que Jesus enfrenta em Nazaré, sua cidade natal (6:1-6), apesar de tudo o que ele fez. Finalmente, o ministério de Jesus na Galileia conclui com o envio dos doze discípulos para pregar o Reino de Deus (6:7-13). Jesus os adverte de que, quando pregarem, as pessoas reagirão da mesma forma que reagem a ele: alguns os aceitarão e outros os rejeitarão.

Além da Galileia (6:14–8:26). Ao levar Jesus para fora da Galileia, Marcos enfatiza alguns dos temas já discutidos. A mensagem do Reino de Deus se espalha rapidamente. Por um lado, há uma multidão entusiasmada e, por outro, o número de oponentes aumenta (6:14–29). Em sua primeira etapa de evangelização em Cafarnaum, a fama de Jesus o precede e se estende por toda a Galileia. Quando Jesus deixa a Galileia, sua fama já é amplamente difundida.

Em toda a Palestina, até mesmo o rei Herodes Antipas ouviu falar dele. Marcos usa essa circunstância para abordar a questão da identidade de Jesus: ele não é João Batista, pois Herodes o mandou matar. Marcos então relata vários milagres (6:30-56). Esta seção descreve a tentativa de Jesus de se distanciar da multidão e os esforços da multidão para segui-lo de perto: Ele alimenta primeiro 5.000 pessoas e depois outras 4.000; caminha sobre a água; cura cegos e surdos. Tudo isso demonstra seu domínio sobre a criação. É por isso que a multidão o segue com tanta persistência. Mas igualmente persistente é a oposição dos fariseus (7:1-23), que discordam de Jesus sobre a observância da Lei e das tradições. Finalmente, Marcos relata outros milagres (7:24-8:26) que levam alguns gentios à fé. Enquanto isso, os discípulos ainda não entendem. Jesus os confronta diretamente: "Os discípulos haviam se esquecido de trazer pão, e só tinham um pão no barco. De repente, ele os advertiu: 'Cuidado! Fiquem de olho no fermento dos fariseus e no fermento de Herodes.' Eles disseram uns aos outros: 'Na verdade, não temos pão nenhum.' Percebendo isso, Jesus lhes perguntou: 'Por que vocês estão falando que não têm pão? Vocês ainda não entendem nem percebem? Seus olhos estão tão fechados que vocês não podem ver, e seus ouvidos tão fechados que não podem ouvir? Não se lembram de quando parti os cinco pães para os cinco mil, e quantas cestas cheias de pedaços vocês recolheram?' Eles responderam: 'Doze.' E quando parti os sete pães para os quatro mil, e quantas cestas cheias de pedaços vocês recolheram?'"

Eles responderam: Sete. Então Jesus lhes disse: Vocês ainda não entendem? (8:14-17)
Os leitores de Marcos vivenciavam a mesma tensão que os discípulos. Como a maioria dos cristãos, eles esperavam que Jesus retornasse em breve para estabelecer o Reino de Deus na Terra. Mas, em vez disso, experimentaram sofrimento, perseguição e morte sob o domínio de Nero. É por isso que Marcos deixa claro que Jesus é o Messias e que os crentes devem confiar que, quando chegar a hora certa, ele estabelecerá o seu Reino, exatamente como prometeu. Enquanto esperam, ele continua a cuidar da sua Igreja.

A declaração dos apóstolos sobre o Messias (8:27-30). Esta é a famosa cena no caminho para Cesareia de Filipe, quando Jesus revela aos seus discípulos que ele é o Cristo. Todos os estudiosos concordam que esta confissão é a pedra angular do Evangelho. Desde a confissão inicial de Marcos, "Princípio do evangelho de Jesus Cristo, Filho de Deus" (1:1), esta é a primeira vez que a palavra "Cristo" aparece. Nem os seus discípulos, nem o povo, nem os demônios haviam sugerido anteriormente que ele era o Cristo.
Na verdade, todos que tentaram identificar Jesus estavam errados.
Eles pensavam que ele era um simples fazedor de milagres, um profeta, João Batista, um lunático ou um homem possuído por demônios.

Mas chegou o momento em que Jesus decidiu perguntar aos seus discípulos sobre a sua verdadeira identidade: "Jesus perguntou aos seus discípulos: 'Quem dizem os homens que eu sou?' Eles responderam: 'Alguns dizem que sou João Batista; outros, Elias; e outros, um dos profetas.' 'E vocês?', perguntou ele. 'Quem dizem que eu sou?', responderam eles."
Pedro: Tu és o Cristo" (8,27-29).

Após oito capítulos de provações, os apóstolos finalmente afirmam sua convicção de que Jesus é o Cristo que traz o Reino de Deus.

O sofrimento do Messias (8:31–15:47). Na primeira metade do Evangelho, Marcos concentra-se no ministério de Jesus, que leva os apóstolos a afirmarem que ele é o Cristo. Agora, Marcos começa a enfatizar um aspecto diferente do seu messianismo: o seu sofrimento e morte em Jerusalém.

Esta etapa está dividida em três seções: 1. Preparação de seus discípulos para o que acontecerá em Jerusalém; 2. Confronto com os líderes judeus em Jerusalém; 3. Paixão e morte. Vamos explorar cada uma dessas seções.

Preparação (8:31-10:52). A preparação dos discípulos pode ser dividida em três partes. Cada uma começa com a predição do sofrimento e da morte de Jesus. A **primeira parte** concentra-se em Jesus como Senhor do Reino (8:31-9:29): Marcos diz que a estratégia de Jesus para instaurar o Reino é o sofrimento e a morte, e adverte seus discípulos de que eles também sofrerão o mesmo destino se o seguirem. Depois disso, Marcos narra o evento da Transfiguração (9:2-13): Jesus revela sua divindade a Pedro, Tiago e João. Moisés e Elias aparecem para falar com Jesus; uma forma de dizer que a Lei e os Profetas estão a serviço do Messias. Esse evento prepara os discípulos para viverem sua fidelidade a Jesus no momento do desfecho fatal. Finalmente, Marcos se concentra no poder de Jesus para controlar demônios (9:14-29), algo que seus discípulos não conseguiam fazer; Jesus os ensina que alguns demônios só podem ser exorcizados por meio da oração. A **segunda parte** trata dos valores do Reino de Deus (9:30–10:31). Esta seção começa com a predição do sofrimento, morte e ressurreição de Jesus; Marcos continua enfatizando a preparação dos discípulos para esse evento. Jesus explica aos seus discípulos que Deus não julga as coisas segundo padrões humanos.
Portanto, não importa o que sofram ou que coisas estranhas aconteçam, eles não devem julgar as coisas como o mundo as julga. Em vez disso, devem ter a certeza de que Deus usa esses eventos para estabelecer o Seu Reino e glorificar Jesus. Jesus demonstra que as instituições do mundo diferem da vontade de Deus em cinco áreas: 1. Honra (9:32-42): aqueles que são honrados no Reino são os menos honrados no mundo; 2. Coragem (9:43-50): os discípulos devem se livrar de tudo o que os impede de alcançar o Reino de Deus; 3. Casamento (10:1-12): o casamento e o divórcio devem ser reconhecidos de acordo com a Lei de Deus, não com a lei humana; 4. Filhos (10:13-16): rejeitar os filhos é opor-se a Deus; 5. Riqueza (10:17-31): o jovem rico fica triste quando Jesus lhe diz que seu apego ao dinheiro o impede de abraçar os valores do Reino. A **terceira parte** trata da liderança no Reino de Deus (10:32-52). Podemos dividir o texto em três seções: 1. Tiago e João devem compartilhar do sofrimento de Jesus, bebendo do mesmo cálice e sendo batizados com ele (10:35-40); 2. Liderança como serviço: os cristãos devem ser servos, tomando Cristo como modelo, que age como um servo que morrerá pelos pecados (10:41-45); 3. O exemplo do cego Bartimeu esclarece que os cristãos não devem se sacrificar por nenhuma recompensa que não seja o Reino. Marcos insiste que o Reino de Deus não deve ser modelado segundo o padrão do mundo. Isso deve ter desanimado os leitores de Marcos, porque, em vez de dizer que o sofrimento era ruim e logo passaria, Marcos os assegura de que o sofrimento era comum aos cristãos e fazia parte do Plano de Deus.

Cristo: “Os sofrimentos do tempo presente não podem ser comparados com a glória que em nós será revelada” (Romanos 8:18).

Confronto (11,1-13,37). Esta seção está dividida em duas partes: oposição (11:1-12:44) e o Discurso do Monte das Oliveiras (13:1-37). Na **primeira parte,** Marcos narra como Jesus confronta os líderes judeus. Anteriormente, Jesus não buscava conflito, apesar da oposição de muitas pessoas que se opunham ao seu ministério. Agora, Jesus busca confrontar os líderes religiosos e, ao fazê-lo, caminha para a sua crucificação. Durante sua entrada em Jerusalém (11:1-11), Jesus é publicamente declarado Messias e Rei de Israel. Com a condenação da figueira seca (11:12-14, 20-25) e a purificação do templo (11:15-19), Jesus ataca as autoridades judaicas, rejeitando sua autoridade e influência sobre o povo. Jesus argumenta novamente com sacerdotes, mestres da lei e anciãos (11:27-12:12) e conta a parábola dos lavradores maus. A essa altura, as autoridades estavam prontas para prendê-lo, mas o medo da multidão as desencorajou. Depois disso, Jesus refuta os fariseus e herodianos por cobrarem o imposto romano (12:13-17), os saduceus porque haviam interpretado mal o que as Escrituras ensinavam sobre a ressurreição (12:18-27) e os mestres da Lei porque, embora a conhecessem, deixaram-se dominar pela ganância (12:28-44). Assim, Jesus confronta sacerdotes, mestres da lei, fariseus, herodianos e saduceus, dando a cada grupo um motivo para odiá-lo e desejar sua morte. A **segunda parte** é um discurso de Jesus aos seus discípulos, o chamado “Discurso do Monte das Oliveiras” (13:1-37). Aqui, Jesus adverte seus discípulos sobre as dificuldades que enfrentariam: seriam levados perante as autoridades para testemunhar contra elas; seriam odiados e açoitados; suas famílias seriam perseguidas; sofreriam desastres naturais e tribulações. Mas Jesus também lhes dá esperança: a vitória final pertencerá ao Reino de Deus, contanto que permaneçam fiéis (13:26-27). Como esperado, as palavras de Jesus despertam ainda mais ódio contra ele, especialmente quando diz que o templo seria destruído (13:1-2), uma predição que mais tarde será usada para acusá-lo de querer destruir o templo (14:58).

Experiência (14:1-15:47). Esta seção narra a traição de Judas, a predição da negação de Pedro, os discípulos que não puderam vigiar Jesus no Getsêmani, a prisão de Jesus, os dois julgamentos, a negação de Pedro e a crucificação e sepultamento de Jesus. São capítulos sombrios, repletos de fracassos para as autoridades judaicas, as multidões, os romanos e os discípulos. Uma comunidade perseguida leva Marcos a esclarecer que a dor da comunidade é a mesma que a de Jesus. A experiência da morte de Jesus começa com a unção para o sepultamento (14:1-11), onde Marcos narra eventos significativos: sacerdotes e mestres da Lei buscam uma maneira de prender e matar Jesus; uma mulher unge Jesus com perfume caro, como prelúdio ao seu sepultamento; Judas Iscariotes planeja a traição com o sumo sacerdote. Esta é a chave da história: a morte de Jesus não era mais uma ameaça, mas uma realidade. Marcos então narra as últimas horas de Jesus com seus discípulos (14:12-42). Esta seção começa com a Última Ceia de Jesus com seus discípulos (14:12-31); nesta refeição, Jesus instituiu a Eucaristia e deu aos seus discípulos algumas orientações para ajudá-los a lidar com a sua morte. Por exemplo, ele os advertiu de que todos o abandonariam e que Pedro o negaria. Após a ceia,

O grupo vai para o Getsêmani (14:32-42); Jesus está muito angustiado e profundamente triste, a ponto de sentir que está morrendo. Em uma nova seção, Marcos relata a prisão, o julgamento, o sofrimento e a morte de Jesus (14:43-15:15). Esta seção começa com a traição de Judas Iscariotes (14:43-52), continua com o julgamento perante os sacerdotes (14:53-65); depois vem a negação de Pedro (14:66-72); e termina com o julgamento perante Pilatos (15:1-15). Ao final dessas experiências, Jesus é entregue aos soldados romanos para ser açoitado e crucificado. Na parte final da narrativa, Marcos fala da experiência de sofrimento e morte de Jesus (15:16-47). Jesus é entregue aos soldados romanos para ser açoitado e morto em uma cruz, como um criminoso; De uma perspectiva humana, seu sofrimento foi avassalador, e isso deve ter afetado os leitores de Marcos, que imediatamente perceberam o paralelo entre o sofrimento de Jesus e o seu próprio, e devem ter sido encorajados a perseverar em suas próprias tristezas.

A Vitória de Cristo (16:1-8). O Evangelho de Marcos termina em 16:8. Vinte versículos adicionais foram acrescentados posteriormente e não constam nos manuscritos mais antigos e confiáveis. Muitos estudiosos acreditam que esse "final longo" foi adicionado por um escriba que discordava da ideia de a obra terminar com a frase "porque eles tiveram medo". Mas essa teoria é duvidosa, pois o medo e o temor permeiam todo o Evangelho. Portanto, a ênfase no medo seria uma maneira apropriada de encerrar este Evangelho.

Na verdade, esse final se encaixa bem com a experiência dos leitores de Marcos que enfrentaram perseguição. Eles devem ter encontrado conforto em saber que os primeiros discípulos de Jesus também haviam experimentado o medo.

Marcos 16:1-8 narra a ressurreição de forma mais concisa do que os outros Evangelhos, mas isso está em consonância com a estrutura deste Evangelho. Devemos lembrar que o anúncio do Messias que abre a obra também é breve, assim como a afirmação dos apóstolos a respeito do Messias, que, como já dissemos, é a pedra angular do Evangelho.

A seção começa com as mulheres indo ao túmulo para ungir o corpo de Jesus, após três dias de sua morte. Elas são recebidas por um jovem (anjo) com uma mensagem clara e direta: Jesus venceu a morte, exatamente como havia predito durante seu ministério: “O anjo lhes disse: ‘Não se assustem… ele ressuscitou! Ele não está aqui. Vejam o lugar onde o puseram…’ E elas fugiram do túmulo, porque estavam tremendo e assustadas; e não disseram nada a ninguém, porque estavam com medo” (16:6-8).

A reação das mulheres é previsível no contexto do relato de Marcos: elas estão com medo. Quase todos no Evangelho de Marcos reagem à presença de Deus com reverência e temor. Portanto, é compreensível que tenhamos uma narrativa incompleta: as mulheres foram enviadas para anunciar a ressurreição, mas permanecem em silêncio porque estão com medo. As comunidades que Marcos lia certamente experimentaram fraqueza e medo, e é por isso que se identificaram com essas mulheres. Mas a Boa Nova do Reino de Deus já é uma realidade visível, graças ao Ressuscitado. Jesus Cristo venceu seus inimigos e a morte. Por essa razão, os cristãos podem enfrentar seus inimigos com coragem.

Tema 4

TEMAS CENTRAIS DO EVANGELHO DE MARCOS

Introdução

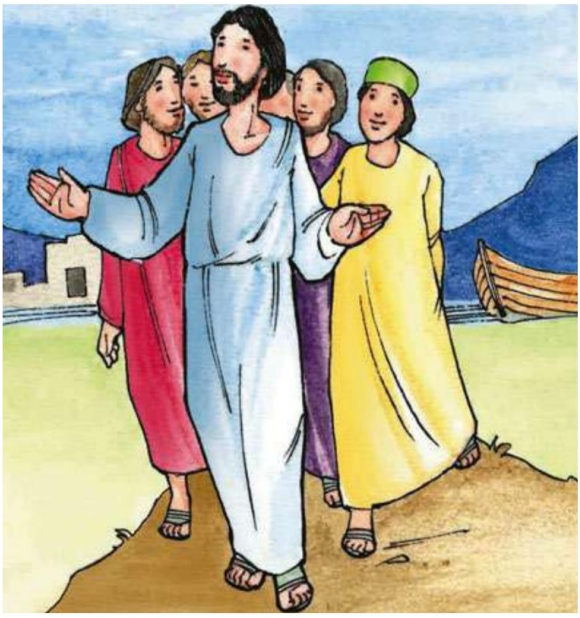
Nos tópicos anteriores, estabelecemos que o estudo da organização literária da obra e a revisão de algumas características do contexto histórico em que este evangelho nasceu foram possíveis graças à tarefa de Marcos de selecionar e organizar as tradições recebidas, criando com elas uma obra coerente, cujo objetivo era apresentar ao leitor o mistério de Jesus Cristo, cujo caminho passou pela cruz.

Portanto, podemos dizer que não estamos lidando com um tratado tradicional de teologia, mas com a alegre comunicação da Boa Nova: Jesus é o Cristo, o Filho de Deus que vem anunciar o Reino de Deus.

Nesta seção final, destacaremos alguns temas que se desenvolvem ao longo da obra. Embora já os tenhamos mencionado aqui e ali, é importante enfatizá-los, pois constituem as chaves para a compreensão do trabalho de Marcos.

1. As Boas Novas

A pregação de Jesus começa com estas palavras: “Chegou a hora, e o reino de Deus está próximo. Arrependam-se e creiam no evangelho” (1:15).



Quando Marcos descreve o anúncio como “Boas Novas de Deus” (1:14), ele está fazendo deste anúncio a chave para entender todo o livro, que começa proclamando que estamos no início das boas novas de Jesus, o Cristo, o Filho de Deus (1:1).

Diferentemente de Mateus e Lucas, Marcos apresenta sua obra como “Boas Novas”, um aspecto que, ao conferir unidade à obra, é o que ele deseja enfatizar. Essa palavra aparece sete vezes, sempre em pontos-chave.

estratégico (1,1.14.15; 8,35; 10,29; 13,10; 14,9). Qual é a boa notícia?
Certamente não era intenção de Marcos dar um nome à sua obra (isso veio depois); para ele, a Boa Nova era o conteúdo central da mensagem cristã. “Evangelho” era um termo do vocabulário missionário, cujo conteúdo é uma grande verdade: a intervenção definitiva de Deus na história, por meio de Jesus, que com sua morte e ressurreição inaugura o Reino de forma plena e definitiva.

De acordo com Marcos 13:10 e 14:9, o Evangelho deve ser pregado a todo o mundo. Ao falar dessa maneira, Marcos se refere à missão das comunidades cristãs, uma tarefa que Jesus lhes confia. Essa proclamação deveria se basear na lembrança de eventos concretos, por exemplo, o gesto da mulher que derramou perfume sobre a cabeça de Jesus (14:9), antecipando sua morte e embalsamento. Esses eventos servem para alertar que o caminho missionário envolve tensão, confronto e perseguição, chegando até o testemunho final que deve ser dado perante as autoridades e que certamente trará a morte (13:9-13). Mas a firme esperança é que, em meio às dificuldades, Deus está presente: "Não sereis vós que falareis, mas o Espírito Santo" (13:11).

O Evangelho que as comunidades cristãs devem proclamar em meio às dificuldades está ligado a Jesus. As expressões “por mim” e “pelo Evangelho” são equivalentes (8,35; 10,29); em ambos os textos, Jesus se dirige aos seus discípulos para explicar as consequências do discipulado: renunciar à própria vida, família e bens para cumprir a missão de Jesus (3,13-19). Seguir Jesus e proclamar a Boa Nova são a mesma escolha. É por isso que Ele está presente na proclamação do Evangelho pelos seus discípulos. A obra de Jesus é continuada pelos discípulos.

A mensagem da proclamação é a proximidade do Reino de Deus, uma experiência que deve ser acolhida com uma atitude de conversão e fé (1,14-15). Crer no Evangelho é reconhecer e acolher Deus que intervém na história. A irrupção do Reino de Deus é o evento decisivo da história; com ele, trava-se a batalha final contra o mal, representada no Evangelho de Marcos pelos demônios expulsos por Jesus. Este Reino é inaugurado por Jesus, e por isso a sua vida é Boa Nova que deve continuar na vida das comunidades cristãs, escolhidas para fazer a mesma proclamação (3,13-14; 6,7).

2. O Reino de Deus

“Reino” é um conceito fundamental no Evangelho de Marcos. Ele se refere a esse termo vinte vezes, quatorze delas com um adjetivo que lhe confere uma identidade profunda: “de Deus”. O Reino de Deus! Sua importância reside não apenas na abundância de referências, mas também em sua íntima relação com outros dois temas-chave do Evangelho: o Evangelho e Jesus. O conteúdo da Boa Nova é a irrupção do Reino de Deus, e a pregação de Jesus se concentra na iminência desse Reino, ao qual só se pode ter acesso por meio de um relacionamento com Ele.

O que Marcos diz sobre o Reino? Jesus o proclama como iminente (1:15), mas, após anunciá-lo, não oferece nenhuma explicação adicional. Portanto,

Pelo contrário, ele começa imediatamente a narrar a atividade de Jesus, de modo que suas ações e palavras são apresentadas como a personificação do Reino. Para entrar nesse Reino, Jesus exige conversão e fé, algo que ele propõe aos seus discípulos durante um ensinamento particular (4:11). No contexto do Evangelho de Marcos, o "mistério do Reino" sempre se refere à pessoa de Jesus (6:52; 8:17-21), e é algo que somente aqueles que estão "dentro" podem entender; somente eles podem compreender a proclamação do Reino.

A presença do Reino de Deus encontra-se, por ora, em estágio germinal. Marcos expressa essa realidade com a imagem da semente (4,26-32), uma realidade repleta de potencial, mas que precisa ser acolhida, nutrida e dotada de um poder misterioso que a fará frutificar. Jesus é o semeador e, portanto, Marcos nos convida a reconhecer que, por meio de suas ações, o Reino se torna presente.

Além de descrever a presença atual do Reino de Deus, Marcos se concentra nas condições necessárias para entrar nele. Primeiro, é preciso uma firme resolução de evitar tudo o que possa obstruir o caminho (9:47), juntamente com uma atitude humilde para recebê-lo como um dom de Deus (10:14-15). Finalmente, é preciso distanciar-se de tudo o que não coloca Jesus no centro, como as riquezas (10:23-25). A condição que resume o acesso ao Reino é seguir Jesus: conhecer o mistério de sua Pessoa e entrar na vida eterna (12:34).

Mas o Reino de Deus não é apenas uma realidade presente, mas também futura. Entrar no Reino é entrar em outra dimensão, uma que transcende esta vida, um espaço onde ele se manifestará plenamente. A chegada do Reino de Deus alude a essa dimensão (9:1), assim como as palavras de Jesus ao se despedir de seus discípulos (14:25). O Reino de Deus, portanto, é mais do que algo evidente; é um mistério que Deus revela àqueles que aceitam Jesus. Sua presença é agora potencial, mas um dia ele irromperá em toda a sua plenitude.
O convite para entrar foi feito, mas requer uma firme resolução; é preciso decidir seguir Jesus com todas as exigências que isso implica. Através desses detalhes, emerge uma convicção comum a todo o Novo Testamento: o Reino de Deus proclamado por Jesus está intimamente ligado à sua pessoa; para os primeiros cristãos, a proclamação da Boa Nova sobre Jesus incluía o anúncio da proximidade do Reino de Deus.

Em Marcos 1:15, Jesus apresenta-se como o mensageiro da iminente chegada do Reino de Deus, e sua proclamação se concretiza em suas palavras e ações. O mistério do Reino coincide com o mistério de sua pessoa (4:11), presente em todo o processo de gestação desse Mistério (4:26-30). Mas Jesus não é apenas um mensageiro, mas também o mediador do Reino, que agora se manifesta de forma velada, mas que irromperá com poder (9:1), e sua plena manifestação será em comunhão com ele (14:25), inclusive na cruz (15:43).

3. Jesus Cristo, Filho de Deus

Marcos apresenta sua obra como uma narrativa das Boas Novas em um duplo sentido. Sem explicá-la em detalhes, ele proclama que são as Boas Novas que Jesus anuncia (“o Reino de Deus está próximo”) e as Boas Novas sobre o próprio Jesus (“ele é o Cristo”).

“Filho de Deus”. Essas duas realidades podem ser resumidas na frase: “A boa nova do Reino de Deus como proclamação de Jesus, e Jesus como o lugar de encontro com o Reino”. Este é, portanto, o arcabouço teológico de Marcos que nos leva ao mesmo ponto central que Marcos enfatiza: o encontro pessoal com Jesus.

É a partir dessa perspectiva que Marcos apresenta Jesus, buscando envolver todos os seus leitores de forma pessoal. Por meio de suas perguntas, ele nos convida a questionar a nós mesmos, e por meio de suas respostas, nos convida a formular nossas próprias respostas; a revelação progressiva de Jesus nos convida à descoberta gradual de nossa própria fé. Ou nos envolvemos com essa dinâmica, ou não compreenderemos o que Marcos está tentando transmitir aos seus leitores, ou a nós mesmos.

A questão fundamental está no cerne do evangelho, num momento crucial: “No caminho, perguntou-lhes: ‘Quem dizem os homens que eu sou?’ Responderam: ‘Alguns dizem que sou João Batista; outros, Elias; e outros, um dos profetas.’ Perguntou-lhes Jesus novamente: ‘E vocês, quem dizem que eu sou?’” (8:27-29).

Esta questão é fundamental para compreender a perspectiva de Marcos. Não se dirige apenas aos discípulos, mas a todos nós. Nem é uma questão isolada, pois é precedida por outras preocupações que nascem da admiração que a sua obra inspira: “Estavam ainda aterrorizados e perguntavam uns aos outros: ‘Quem é este que até o vento e o mar lhe obedecem?’” (4:41).

A resposta de Marcos não é apenas explícita (Tu és o Messias: 8:30), mas também implícita, ou seja, através da atitude adotada em relação a Jesus, por exemplo, a rejeição dos fariseus e a conspiração para matá-lo (3:6). Essas respostas visam nos ensinar a discernir entre respostas corretas e falsas e a escolher uma delas. Vejamos algumas das respostas que surgem em Marcos:

A resposta de Deus aparece no batismo (1:9, 11) e na transfiguração (9:2-13). Em ambos os casos, as testemunhas são poucas: João Batista e três discípulos. No entanto, a resposta de Deus está presente em todos os momentos, ainda que velada, oferecendo sua autoridade como prova da identidade de Jesus: meu Filho amado!

Os demônios dão uma resposta insistente na primeira parte do Evangelho (1:24; 3:11-12; 5:6-9). Eles o confessam como “Filho do Deus Altíssimo” e “Santo de Deus”, mas Jesus lhes ordena que se calem, porque suas palavras são falsas e escondem a grande tentação do triunfalismo.

Pedro responde: “Tu és o Messias!” (8:30), o que resume o que todos os discípulos pensam. A reação de Jesus é de desaprovação, porque Pedro não entende nem aceita o caminho da cruz. Sua resposta também é inválida, porque ele não está disposto a aceitar as consequências do discipulado (8:31-38).

A resposta dos adversários é representada pelos fariseus. Desde o início , sua postura é a de obstruir e conspirar contra a morte de Jesus (3:6). Ao longo do Evangelho de Marcos, essa atitude é confirmada (12:12), até culminar na Paixão e Morte (14-15).

O povo também tem sua reação. As ações de Jesus provocam uma pergunta (1:27; 4:41) que eles tentam responder com os meios à sua disposição: "Alguns dizem que foi João Batista; outros dizem que foi Elias; outros dizem que foi um dos profetas." (8:28; 6:14-15). A resposta de Herodes é semelhante: “Este é João. Eu ordenei que ele fosse decapitado, mas ele ressuscitou” (6:16); na segunda parte, eles o aclamam como “Filho de Davi” (10:46-50; 11:10), mas Jesus também rejeita essa resposta (12:35-37).

O próprio Marcos dá a sua resposta no início do Evangelho: Jesus é o Cristo, o Filho de Deus (1:1). Esta é a verdadeira identidade de Jesus, e o leitor sabe disso desde o princípio. Isso serve de guia para a compreensão do restante da narrativa, mas só se chega a essa compreensão depois de seguir o caminho de Jesus, o caminho da cruz e da morte (15:39). Nesse sentido, a proclamação do centurião é exemplar para os leitores do Evangelho e para nós.

Finalmente , Jesus dá sua resposta no momento crucial do interrogatório perante o sumo sacerdote: “Perguntou-lhe novamente o sumo sacerdote: ‘És tu o Messias, o Filho do Bendito?’ Jesus respondeu: ‘Eu sou, e vereis o Filho do Homem assentado à direita de Deus Todo-Poderoso e vindo sobre as nuvens’” (14:61-62). A pergunta é específica e inclui dois títulos equivalentes: Messias e Filho do Bendito. A resposta de Jesus vai além da pergunta; ao ouvi-la, o sumo sacerdote rasga as suas vestes e exclama: “É um blasfemo!”

Mas o que exatamente Jesus diz sobre si mesmo? Jesus confessa ser o Messias, mas não no sentido dinástico, como Israel esperava; o Messias não é descendente de Davi (12:35-37). Ao dizer “Eu Sou”, Jesus alude ao nome divino do Antigo Testamento; o Deus do Êxodo carrega esse nome: EU SOU me enviou a vocês (Êx 3:14).
Se isso não bastasse, Jesus acrescenta a visão do Filho do Homem (título que Ele mesmo se atribui na Paixão), uma mistura do Salmo 110 e de Daniel 7. Com isso, Jesus confessa que possui atributos divinos.

É a partir dessa confissão que sua condenação e morte são desencadeadas. A primeira confissão pública de Jesus sobre sua verdadeira identidade desencadeia sua morte. As outras confissões válidas apresentadas no Evangelho estão relacionadas ao seu destino de morte: a confissão ao Pai na Transfiguração e a confissão do centurião aos pés da cruz.

De todas essas respostas, os leitores devem selecionar a válida e tentar adotá-la. As válidas são a confissão de Deus, ainda que velada; a confissão de Jesus, que leva à sua morte; a confissão do centurião aos pés da cruz; e a confissão de Marcos, proferida no início do livro. As demais não são adequadas e devem ser evitadas, pois não refletem a verdadeira natureza de Jesus.

Manifestação progressiva. É notável que, visto que a intenção de Marcos é revelar a identidade de Jesus (Messias, Filho de Deus), ele então enfatiza que Jesus ordena que aqueles que o proclamam como tal se calem: demônios (1:34; 3:12), pessoas curadas (1:44; 5:43; 7:36; 8:26) e discípulos (8:30; 9:8).

O que significa essa contradição? Por que Jesus insistia tanto para que eles permanecessem em silêncio e não revelassem sua identidade? Os estudiosos falam do "Segredo Messiânico", uma invenção criada.

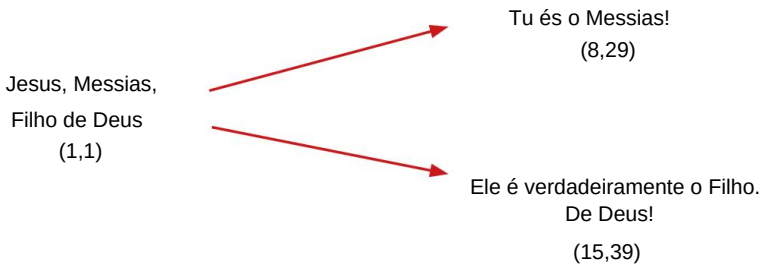
As primeiras comunidades cristãs usaram essa explicação para justificar a discrepância entre o Jesus histórico e o Cristo da fé. Como não há registro de Jesus sendo reconhecido como Messias e Filho de Deus, os cristãos propuseram esta explicação: não há memória porque o próprio Jesus impôs o silêncio.

Mas há outra explicação para essa aparente contradição: trata-se de um recurso literário que serve ao objetivo do Evangelho: revelar a verdadeira identidade de Jesus. É importante notar que esse Segredo Messiânico é revelado na primeira parte do Evangelho. A partir do versículo 8:31, Jesus começa a revelar progressiva e claramente seu destino de morte. Nessa primeira parte, Jesus ordena o silêncio por três razões: no caso dos milagres, porque são apenas uma manifestação parcial do Reino; no caso dos demônios, porque não têm voz no Reino; e no caso do próprio Jesus, porque sua confissão poderia ser mal interpretada.

Contudo, além da imposição do silêncio, há também duas revelações da identidade de Jesus: no início do Evangelho (1:1) e no episódio do seu batismo (1:11). Mas essa revelação deve permanecer oculta até que Jesus revele o verdadeiro significado da sua messianidade; algo que começará a tornar-se visível após a resposta de Pedro (8:27-33).

A segunda parte de Marcos começa com a revelação progressiva da verdadeira identidade de Jesus. Este é o foco principal da seção 8:31–10:52: a jornada do Filho do Homem o leva a Jerusalém, onde perseguição (11:13) e morte (14–16) o aguardam. É um caminho de serviço, fraternidade e abnegação. Portanto, podemos dizer que a verdadeira identidade de Jesus está mais intimamente ligada à morte do que ao triunfalismo. Jesus não é um Messias triunfante, mas um Messias sofredor. Por essa razão, as palavras do centurião aos pés da cruz são o modelo para toda a fé: “Verdadeiramente este é o Messias!”

Messias, Filho de Deus. Esses são os dois títulos com os quais Marcos descreve a identidade de Jesus no início de sua obra (1:1); eles são repetidos em dois lugares estratégicos: com Pedro (8:29) e com o centurião (15:39). Esses três textos formam uma sequência na qual esses títulos são progressivamente esclarecidos:



A primeira afirmação (1:1) é genérica e quase sem sentido; é preciso ler todo o Evangelho para compreender seu significado. A segunda (8:29) não pode ser entendida sem a terceira. Considerar a confissão de Pedro isoladamente acarreta o risco de compreendê-la sem levar em conta a entrega e o sofrimento. Portanto, esses são dois títulos que se complementam: Jesus é o Messias porque é o Filho de Deus e porque se entregou ao sofrimento.
morte na cruz.

Dessa perspectiva, tanto as respostas aceitáveis quanto as inaceitáveis tornam-se claras. É especialmente significativo observar como Jesus reage quando é reconhecido como o Filho de Davi; esse título é o que mais se aproxima da confissão do Messias-Rei que o povo judeu aguardava. Quando o povo o aclama como “Filho de Davi”, Jesus permanece em silêncio (10:46-50; 11:9-10), mas então invalida esse título: o Messias é maior que Davi (12:35-37), e seu destino está claramente ligado à morte e à ressurreição (8:31-32a). Ou seja, em última análise, sua verdadeira identidade como Messias envolve a morte, culminando na vitória da ressurreição (14:61-62).

A confissão de Jesus como Cristo, Filho de Deus, está ligada ao seu destino: no batismo (1,11), o rito está conectado à passagem da morte para a vida (cf. 10,38); na transfiguração (9,2-9), Jesus pede aos seus discípulos que permaneçam em silêncio até que ele ressuscite; nas declarações de Jesus, tanto veladas (12,2-8) quanto abertas (14,61), e na resposta do centurião (15,39). O reconhecimento de Jesus está, portanto, ligado ao reconhecimento de sua morte e ressurreição. Com essa compreensão do mistério de Jesus, Marcos se aproxima da afirmação comum dos primeiros cristãos: "Ele foi declarado Filho de Deus com poder, segundo o Espírito de santidade, pela ressurreição dos mortos" (Rm 1,4).

Os dois títulos se complementam e buscam descrever a identidade de Jesus, algo que só pode ser descoberto através do mistério central de sua Paixão. Somente após essa jornada o leitor poderá compreender o significado das palavras que abrem o livro e, a partir daí, refazer o caminho de Jesus. É um caminho que deve ser percorrido como crente e como comunidade, com os olhos sempre fixos no exemplo de seu Senhor.

Com base nisso, podemos concluir que a identidade de Jesus como Cristo é um dos temas mais difíceis abordados por Marcos em seu Evangelho. Marcos quer garantir que seus leitores saibam que Jesus realmente veio para salvá-los. Ele é o Redentor que traz o Reino de Deus à Terra. E, mesmo que não possam mais vê-lo, devem ter fé de que ele ainda está no controle e cumprirá sua promessa de retornar e completar a salvação deles.

O Servo Sofredor. Durante centenas de anos, a maioria dos israelitas viveu fora de sua terra. Os que permaneceram sofreram sob a tirania dos reis babilônicos, persas, gregos e romanos. Essa longa história de sofrimento levou os judeus a enfatizar uma profecia do Antigo Testamento: Deus enviaria um libertador messiânico para restaurar o reino de Israel.

A esperança messiânica assumiu muitas formas. Por exemplo, os zelotes acreditavam em um Messias rebelde, que se opunha à autoridade romana; os pensadores apocalípticos acreditavam em um Messias sobrenatural que destruiria os inimigos do povo; os fariseus acreditavam em um Messias que faria cumprir a Lei. Quando Jesus veio ao mundo, muitos esperavam o Messias. A esperança messiânica era por um reino terreno e político, sob o governo do Messias, semelhante ao reino de Davi séculos antes.

Mas Jesus se apresenta como o Messias Sofredor, sem qualquer desejo de estabelecer um reino político. Isso causou sua rejeição. Curiosamente, a ideia do Messias como servo sofredor não era nova. Isaías já havia apontado para o papel do Messias (cf. Isaías 53), algo que o Novo Testamento frequentemente aplica a Jesus. Podemos dizer que, se Jesus não tivesse sofrido e servido, não teria cumprido os requisitos para ser o Messias. Portanto, longe de

Em vez de desqualificá-lo como Cristo, o sofrimento de Jesus é a prova de que ele é o Messias. Mas poucos analisaram essa chave do Antigo Testamento durante a vida de Jesus.
A maioria estava comprometida com outras ideias de messianismo.

Além de enfatizar o sofrimento de Jesus, Marcos destaca seu serviço. Ele curou e pregou; deu a sua vida como resgate por muitos; obedeceu à vontade de Deus para o benefício do povo. Um trecho em que Marcos une os temas do sofrimento e do serviço é 10:35-45. Nessa passagem, Tiago e João pedem a Jesus posições de honra no Reino; os outros dez discípulos ficam irritados com o pedido. Mas Jesus repreende os Doze e os convida a uma vida de serviço, oferecendo a sua própria vida como modelo: “Pois o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos” (10:45).

A primeira coisa que Jesus faz é encontrar-se com as pessoas necessitadas, exatamente onde elas estão; ele presta atenção às suas necessidades materiais e emocionais; ele ouve o que elas estão dizendo nas entrelinhas. Por exemplo, o encontro com o pai cujo filho é atormentado por demônios; o pai lhe pede: “Por favor, ajude-me com a minha falta de fé”.
Em vez de repreendê-lo, Jesus cura seu filho. Depois, Jesus vai a Jerusalém para dar a vida por seus seguidores. Essa expressão de amor sacrificial deixa de lado toda a glória própria para dar a vida por amor. A imagem que Marcos apresenta de Jesus é de sofrimento, resistência, conflito e tentação. No entanto, ele demonstra lealdade e perseverança: “Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todo o teu entendimento e de todas as tuas forças” (12:30; cf. Dt 6:5).

Como exemplo, considere a história do jovem rico (10:17-31). Ele se aproxima de Jesus e pergunta o que deve fazer para herdar a vida eterna. Jesus lhe diz para vender seus bens e dar o dinheiro aos pobres. Mas a exigência de Jesus é maior do que o jovem está disposto a fazer, então ele se retira triste. Jesus não se surpreende, pois “é mais fácil um camelo passar pelo fundo de uma agulha do que um rico entrar no Reino de Deus”. Então, ele diz aos seus discípulos que eles devem estar dispostos a deixar sua família, sua casa e seus bens e se preparar para serem perseguidos e mortos: “Se alguém quiser vir após mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me. Pois quem quiser salvar a sua vida, perdê-la-á; mas quem perder a sua vida por minha causa e pelo evangelho, esse a salvará” (8:34-35).

O discipulado é um caminho difícil. Para Jesus, não é possível entrar no Reino de Deus se alguém confiar no poder humano, algo que “é impossível para os homens, mas não para Deus, porque para Deus tudo é possível” (10:27).
Marcos quer que seus ouvintes saibam que seu sofrimento e perseguição são um sinal de verdadeiro discipulado: “A vocês foi dado o mistério do reino de Deus; mas aos de fora tudo se diz por parábolas, para que, vendo, não vejam e, ouvindo, não entendam; para que não se convertam e lhes sejam perdoados os pecados” (4:11-12).



Atividades para avaliação

1. Complete as afirmações a seguir.

a) A Boa Nova de Deus está a tornar essa mensagem a _____ para compreender o livro inteiro.

b) O conteúdo do anúncio é o _____ do Reino de Deus, uma experiência que Deve ser recebido com uma atitude de _____ e _____.

2. Imagine que, durante seu momento de oração, Jesus lhe pergunte: "Quem vocês dizem que eu sou?". Responda a essa pergunta em um parágrafo.

_____

_____

_____

_____

_____

3. Elabore um quadro sinóptico com os pontos mais importantes do tópico quatro.

ATIVIDADE DE RESOLUÇÃO QUATRO

1. Complete as afirmações a seguir.

a) A Boa Nova de Deus está a tornar essa mensagem a **chave** para compreender todo o livro.

b) O conteúdo do anúncio é o **proximidade** do Reino de Deus, uma experiência de
Deve ser recebido com uma atitude de **conversão** e **fé**.

2. Imagine que, durante seu momento de oração, Jesus lhe pergunte: "Quem vocês dizem que eu sou?". Responda a essa pergunta em um parágrafo.

_____

_____

_____

_____

_____

3. Elabore um quadro sinóptico com os pontos mais importantes do tópico quatro.